

**p. 24**

**PRODUÇÃO DE MILHO**

Em entrevista, Antônio César de Santana, superintendente estadual do BNB em Sergipe, fala dos investimentos que chegam a R\$ 46,8 mi.

**p. 34**

**VOCÊ TEM MEDO DE QUÊ?**

É bom percebermos onde o medo começa, como se manifesta em nosso corpo e o que ele traz de desconforto.

# REVISTA teor

Um conjunto de conceitos e ideias



Editora Infographics | Edição 3 - ANO 1 - N°3 | Junho 2019



## FESTEJOS JUNINOS

**Em Sergipe as tradições e a preservação da cultura local movimentam a economia da capital e interior**

**EDUCAÇÃO - Avaliar o aluno com deficiência intelectual?**

TEMOS A ESTRUTURA  
CERTA PARA PRODUZIR  
A SUA OBRA.  
CONTAMOS COM UM  
**COMPLETO PARQUE GRÁFICO**  
(LIVROS COSTURADOS, VERNIZ LOCALIZADO,  
LAMINAÇÕES, HOT STAMPING, ALTO RELEVO)  
**E EQUIPE QUALIFICADA**  
PARA FAZER A  
**CORREÇÃO ORTOGRÁFICA,**  
**EDITORAÇÃO,**  
**CRIAÇÃO DE CAPA E**  
**DOCUMENTAÇÃO**  
**DE LIVROS E REVISTAS.**

AV. EDÉZIO VIEIRA DE MELO, 480  
SÃO JOSÉ / 49052-240 / ARACAJU-SE  
79 3302-5285 / 99981-5026  
WWW.INFOGRAPHICS.COM.BR



*Você escreve...*  
*A gente publica!*



**DIRETORA RESPONSÁVEL:** Karina Dias CRA-SE 2848-01  
**EDITORIA E REVISORA:** Luana Luduvíce DRT 1132/SE  
**criação de artes e capa:** Infographics  
**DIAGRAMAÇÃO:** Joelma Pereira  
**JORNALISTA:** Daniele Azevedo DRT 1126/SE  
**FOTOS:** Bancos de Imagens  
**FOTO DA CAPA:** Marcio Garcez no <http://sergipetradetour.com.br/polo/polo-costa-dos-coqueirais/cidades/estancia/atracoes/atrativos-culturais-c09be013-d9b8-4b1f-8564-933bb227a45a>

**COLUNISTAS**

Aglaré Fontes  
 Almeida Júnior  
 Almir Santana  
 Andréa Patrícia Rabelo Sousa  
 Antônio FJ Saracura  
 Antônio Novais Filho  
 Bárbara Araújo  
 Domingos Pascoal de Melo  
 Fernando Andrade  
 Fredson Navarro  
 Paulo Roberto Dantas Brandão  
 Rita de Cácia Santos Souza  
 Rodrigo Rocha  
 Sílvio Fonseca

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

INFOGRAPHICS GRÁFICA & EDITORA  
 Av. Edézio Vieira de Melo, 480  
 Bairro Suissa  
 CEP 49052-240  
 Aracaju-SE  
 TEL 79 3302-5285 / 99981-5026

**CIRCULAÇÃO:** Sergipe

**TIRAGEM:** 2000 exemplares

**MATÉRIAS E SUGESTÕES DE PAUTA**

editora@infographics.com.br

**PARA ANUNCIAR**

ESTRATÉGIA - 79 98813-6922 | 98800-2835

A REVISTA **teor** é uma publicação bimestral da Infographics Gráfica & Editora.

A REVISTA **teor** não se responsabiliza pelas ideias e conceitos expressos nos artigos assinados, que trazem somente o pensamento dos autores e não representam necessariamente a opinião da revista.

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade, sem prévia autorização.

**REALIZAÇÃO**

EDIÇÃO 3 | ANO 1 | N° 3 | JUNHO 2019  
 ISSN 2596-2450



[www.infographics.com.br](http://www.infographics.com.br)



@graficainfographics



@infographicsaju

**TEM CHEIRINHO DE MILHO NO AR...**

O mês de junho traz sempre bons sentimentos, especialmente para aqueles que gostam das tradições que são especialmente manifestadas durante os festejos aos santos do ciclo junino: Santo Antônio, São João e São Pedro. Seja pelo cheirinho do milho cozido, pelo calor das fogueiras, pelo brilho dos fogos, pelo som do trio pé de serra ou pelo colorido dos vestidos nas quadrilhas, todo mundo tem uma história interessante para contar sobre esse período do ano.

E nesta 3ª edição da Revista Teor o período junino é contado de diversas formas. Na nossa matéria de capa traremos algumas das nossas tradições, contadas por quem as viveu ou vive, nas quadrilhas, nas decorações de ruas ou nas vendas das comidas típicas. E por falar em comida típica, o milho é um dos principais focos deste período e será tema da nossa entrevista, que trará dados sobre toda a cadeia produtiva deste cereal tão importante para a cultura do Nordeste do Brasil.

Alguns dos nossos colunistas também abordam o tema, alguns de forma saudosista, outros mostrando a beleza do festejo. Além disso, outros assuntos de grande relevância são tratados na revista, de forma que o leitor possa viajar por diversos segmentos, adquirindo informações e bons conteúdos sem sair do conforto de sua poltrona.

Convidamos a todos para viajar no “colorido das imagens e das palavras” da 3ª edição da Revista Teor.

Luana Luduvíce



# SUMÁRIO

Editora Infographics | Edição 3 - ANO 1 - N°3 | Junho 2019

## MATÉRIAS

### 07 | TRADIÇÃO E ALEGRIA NOS FESTEJOS JUNINOS EM SERGIPE

Os festejos juninos contribuem para movimentar a economia da capital e interior



### 22 | ESPECIAL

30 anos do Grupo cultural de dança Peneirou Xerém! Roupas temáticas, dança vibrante, coreografia e peneiras caprichosamente decoradas...



## COLUNISTAS



10 | **Valores Morais**  
Almeida Júnior



20 | **Veículos**  
Sílvio Fonseca



38 | **C. Infantil**  
Bárbara Araújo



12 | **Educação**  
Rita de Cácia



30 | **Turismo**  
Fredson Navarro



40 | **Economia**  
Rodrigo Rocha



14 | **Opinião**  
Domingos Pascoal



32 | **Literatura**  
Aglaé Fontes



42 | **Agronegócio**  
Fernando Andrade



16 | **Saúde**  
Almir Santana



34 | **Livros de Sergipe**  
Antônio FJ Saracura



44 | **Direito**  
Antônio Novais



18 | **D. de Sergipe**  
Paulo Roberto



36 | **Comportamento**  
Andréa Rabelo



46 | **Artigo Científico**  
Suane Souza Carvalho



9982-7064

# TRADIÇÃO E ALEGRIA MARCAM OS FESTEJOS JUNINOS EM SERGIPE

Além de manter as tradições e preservar a cultura local, os festejos juninos movimentam a economia da capital e interior

DANIELLE AZEVEDO

**O** colorido peculiar das ruas enfeitadas com bandeirinhas, as lojas repletas de vestidos de quadrilha e camisas xadrez, o frioziinho que chega junto com as chuvas, a montagem de barraquinhas de comidas típicas feitas de milho em todos os cantos e o som da sanfona embalando diversos ambientes por onde se passa. Tudo isso nos faz lembrar que chegou o mês de junho, considerado por boa parte dos sergipanos como sendo uma das melhores e mais esperadas épocas do ano. As festas juninas que celebram a devoção aos santos católicos Antônio, João e Pedro permeiam o imaginário coletivo

do povo nordestino, acostumado a comemorar a época com mesa farta, fogueira, forró e muito milho.

Os preparativos para os festejos juninos começaram a todo o vapor na Central de Abastecimento de Aracaju (Ceasa), em Aracaju/SE, com a chegada de caminhões vindos do interior do estado carregados de milho. O agricultor Ademilson dos Santos, de 52 anos, trouxe do município de Itabaianinha as primeiras remessas do milho que ele mesmo plantou e colheu para comercializar na capital. “Faço isso há 25 anos. Neste mês, vendo aqui mil mãos (50 mil espigas) de milhos por dia, mas ainda



DANIELLE AZEVEDO

ceu no dia de Santo Antônio, 13 de junho. Para mim, a quadrilha representa festa e diversão, uma série de coisas boas que envolvem o período junino, principalmente no Nordeste”, explica.

Vistas como ponto alto das festas juninas, as quadrilhas são danças coletivas bastante tradicionais, em que vários casais, vestidos com roupas caipira e cheias de cores, dançam sob o comando de um marcador, que vai dirigindo o grupo e narrando os passos a serem dados a cada momento da música. A quadrilha, que tem origem na França no século XVIII, foi trazida ao Brasil pelos portugueses na década de 1820 e popularizou-se entre as camadas mais populares da sociedade somente no final do século XIX. Foi então que a dança agregou elementos culturais relacionados principalmente ao modo de vida no campo, incluindo adereços como o chapéu de palha ou couro e ganhando um caráter mais descontraído.

Segundo a atriz e diretora teatral Lina Regina Nunes, de 36

anos, que atualmente assume a direção artística de diversas quadrilhas, o trabalho em grupo realizado ali proporciona a qualquer indivíduo inúmeros benefícios, tais como sociabilidade, coordenação motora e laços afetivos de amizades. “Comecei a dançar quadrilha em 1989. Era algo cultural, que mobilizava os jovens dos bairros de Aracaju. Como todos os meus irmãos já dançavam, eu acabei me engajando também. Já integrei mais de dez grupos ao longo desses anos e hoje contribuo com o movimento junino assumindo a direção artística de alguns deles. Não consigo dissociar o movimento junino de todo o espetáculo preparado para um público que aguarda ansiosamente. A quadrilha aglutina e traz à tona toda a subjetividade que esse período representa para nós nordestinos. Festa junina é suor, é dança, é alegria, é vida!”, ressalta Lina.

Vida também é sinônimo de festa junina para a professora aposentada Yara Maria da Silva, que comemora aniversário de 70 anos agora, na véspera de São João, em 23 de

considero a venda fraca. Espero que a procura melhore até o São Pedro. Sem milho não tem festa junina”, diz o comerciante.

Já para a promotora de vendas Kely Cristina Coelho, de 38 anos, o que não pode faltar neste período é a alegria das quadrilhas juninas. Ela, que hoje integra o grupo de dançarinos da quadrilha Século XX, ajuda a animar o São João de Sergipe há quase três décadas, desde que foi chamada para dançar na Carcará Mirim, aos dez anos de idade. “Comecei a dançar na escola e foi aquele ritmo gostoso do xote, xaxado e baião que me motivou a ingressar em uma quadrilha junina oficial. De lá para cá, já fiz parte de uns dez grupos diferentes. Dentre as coisas mais importantes que a quadrilha me trouxe estão o meu marido e meus dois filhos, que são fruto do São João. Não é à toa que minha filha mais velha nas-



CESAR DE OLIVEIRA / ARQUIVO PESSOAL

Kely à direita da foto (vestido rosa)



"A QUADRILHA AGLUTINA E TRAZ À TONA TODA A SUBJETIVIDADE QUE ESSE PERÍODO REPRESENTA PARA NÓS NORDESTINOS. FESTA JUNINA É SUOR, É DANÇA, É ALEGRIA, É VIDA!".

Lina Regina Nunes (foto)

junho. Moradora da Rua Ribeirópolis (bairro Cirurgia, Aracaju/SE) há 42 anos, ela lembra com saudosismo os festejos juninos de antigamente. De acordo com ela, no seu bairro e adjacências, a exemplo do bairro Suíssa, em que se montava um grande arraial, havia quadrilhas juninas improvisadas para se apresentar. Era uma festa mais coletiva. Os vizinhos reuniam-se para decorar a rua com bandeirinhas, enfeitar os postes e janelas das casas com palha de coqueiro, montar fogueiras e fazer comidas à base de milho e amendoim, comuns nesse período.

"Para mim, festa junina é sinônimo mesmo de mesa farta e aniversariar no São João é tudo de bom. Gasto menos, porque já aproveito a decoração junina e as comidas típicas, que são supergostosas e têm baixo custo. Ao redor do meu bolo de aniversário, temos sempre canjica, pamonha, mungunzá e outros pratos tradicionais. Também não pode faltar animação. E as músicas nordestinas envolvem a todos os convidados", revela Yara.

### AQUECIMENTO DA ECONOMIA

Além de manter as tradições e preservar a cultura local, os festejos juninos movimentam a economia da capital e interior, ao incrementar a renda de vendedores ambulantes, restaurantes, bares, pousadas, hotéis, taxistas e motoristas, entre outros setores. Este ano, em diversos bairros de Aracaju, acontece o Encontro Nordestino de Cultura 2019, que reúne o Arraial do Povo, na Praça de Eventos da Orla de Atalaia; o Fórum Nacional de Música Nordestina; o Arrasta Pé do bairro 18 do Forte e os concur-

sos de quadrilhas juninas do Centro Cultural Gonzagão e do Centro de Criatividade (Arranca Unha). No interior do estado, os municípios mais procurados pelos turistas e forrozeiros são Capela, Areia Branca, Nossa Senhora do Socorro e Estância, com suas tradicionais apresentações de barco de fogo.

A Câmara de Dirigentes Lojistas de Aracaju (CDL) também considera o mês de junho como importante período para aquecimento das vendas no centro comercial. A entidade, em parceria com o Sebrae, Prefeitura de Aracaju, Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Sergipe (Fecomércio) e entidades lojistas empresariais, montou um palco entre os calçadões das ruas João Pessoa e Laranjeiras, no Centro da capital, para apresentações culturais típicas do São João, animando o público consumidor. "Trata-se de uma época de grande movimentação, com a presença dos sergipanos e turistas que costumam nos visitar, que preservam o hábito das compras ao ar livre. Nada melhor do que estar nesse ambiente ao som do trio pé de serra e nossas quadrilhas juninas", reforça o presidente da CDL, Brenno Barreto.

Todos esses fatores, que vão desde a boa colheita do milho, o encanto das quadrilhas e a rica culinária até o aquecimento da economia, contribuem para que Sergipe seja uma das referências dos festejos juninos no Nordeste. Junho e suas baixas temperaturas são indicativos de que as manifestações religiosas a Santo Antônio, São João e São Pedro vêm acompanhadas de grande festa, música, fartura e tradição. O amor do sergipano por este momento vem é de berço. ■

## VALORES MORAIS

ALMEIDA JÚNIOR, professor, escritor e palestrante, licenciado em Pedagogia e Letras Português, leciona na Rede Estadual de Ensino, ministra palestras e escreve livros infantojuvenis. No curto período de seis anos, escreveu 24 livros com mais de 40 mil títulos vendidos em Sergipe, Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro. [prof.almeidajunior@yahoo.com.br](mailto:prof.almeidajunior@yahoo.com.br) | [facebook.com/almeidajunior.almeida.77](https://www.facebook.com/almeidajunior.almeida.77) | Fanpage: Página do Escritor Almeida Júnior | Instagram: prof.almeidajunior



# "NÃO É FÁCIL FAZER A DIFERENÇA EM UM MUNDO COMPETITIVO ONDE GERALMENTE VENCEM OS MAIS FORTES, OU MELHOR, OS AMIGOS DO REI OU OS QUE NASCERAM EM BERÇO DE OURO E UTILIZAM MEIOS ILÍCITOS PARA SE BENEFICIAREM"

A leitura de bons livros é um forte aliado no processo de conscientizar, educar e conduzir o cidadão a não abandonar os princípios básicos de uma sociedade justa e empática

Quem nunca ouviu a frase: “Faça a diferença, você precisa ser excelente, o melhor de todos”? Será que é fácil fazer a diferença em um mundo competitivo, em que, geralmente, vencem os mais fortes, ou melhor, os “amigos do rei”, os que nasceram em “berço de ouro” e utilizam meios ilícitos para se beneficiarem? Quando pedem para eu ser o melhor de todos, não estão assim eliminando os “fracos”, os que tiveram pouquíssimas oportunidades na vida? A cada dia, eu me convenço de que estamos vivendo em uma sociedade hipócrita e competitiva. Por isso, é comum encontrarmos alguém em depressão, ansioso ou com alguma fobia, sem falar na quantidade absurda de suicídios.

Os inúmeros livros de auto-ajuda, que são escritos em países desenvolvidos, não podem ser modelos



para nós que vivemos aqui no Brasil, um país em que a maioria dos políticos corruptos beneficia apenas seus familiares e amigos, além de dificultar o acesso à educação de qualidade aos menos favorecidos. É extremamente desafiador vencer uma batalha com apenas uma espada na mão contra um exército com armas de última geração.

Decididos a vencer, mesmo com pouco ou quase nenhum recurso, encontramos em nossa comunidade, na sala de aula, uma quantidade imensa de colegas e amigos que mal têm com que lutar. A escassez de quase tudo os impede de continuar lutando. Infelizmente, muitos desistem, aceitam um emprego escravo, com um salário mínimo desumano. Outros buscam ganhar a vida de forma ilícita: enganando, vendendo drogas ou o corpo. Nesse contexto, lembro-me das mulheres, em um mundo machista, que as vê, muitas vezes, como objeto de prazer. Quantas, mesmo recebendo um salário mínimo, foram convidadas a manter relacionamento sexual com o chefe ou diretor da empresa para manter o emprego? Assim, precisamos falar aos nossos filhos, às crianças e aos adolescentes como funciona a nossa sociedade, instruindo-os a se prepararem para o grande desafio que é ser diferente e honesto em um mundo desigual, injusto e desumano.

Fazer a diferença diante do caos não é fácil, mas não é impossível e você precisa fazer isso. Você, leitor, deve estar se perguntando: “Como?”, “Qual a fórmula para se atingir tal façanha?”. Tenho a convicção de que a receita que serviu para um talvez não sirva para o outro. As livrarias estão cheias de livros inúteis, que apresentam fórmulas mágicas de como se atingir o sucesso. O que deu certo para mim pode não dar para você, isso é fato. Mas há alguns caminhos que precisamos trilhar, não como re-

ceita de bolo, mas que, desde os primórdios da humanidade, têm dado certo para aqueles que seguem, não desistem, lutam com todas as forças para alcançar: ESTUDAR. Se eu pudesse voltar no tempo, dedicar-me-ia mais aos estudos e à leitura. É claro que outras palavras são importantes para que façamos a diferença em um mundo desumano, injusto, competitivo e hipócrita: disciplina, coragem, determinação, prudência, resiliência, persistência... E nunca desistir diante das inúmeras dificuldades.

Histórias de pessoas que nasceram com poucas condições de sobrevivência e venceram por meio dos estudos são poucas, mas não é difícil encontrá-las. A minha maior alegria é quando eu conheço pessoas que venceram todos os obstáculos e dedicaram um pouco do seu tempo e/ou bens adquiridos aos mais necessitados. Pessoas que ajudam àqueles que sofrem por não terem a mínima condição de viver com dignidade; que, por ignorância, não sabem que é possível fazer a diferença no contexto em que os privilegiados dificultam o acesso da população ao conhecimento.



Nos meus mais de trinta anos em sala de aula presenciei alunos que venceram na vida sem prejudicar ninguém e com a bandeira da ética. Todos esses alunos, princi-

palmente do sexo feminino, eu os transformei em personagens nos mais de vinte livros infantojuvenis. O livro “Venci!” é um deles, em que a personagem Eduarda, que mora na periferia da cidade, vence todos os obstáculos da vida com determinação e resiliência. O livro “A força de um sonho”, baseia-se em uma ex-aluna minha, que morou no Bairro Santa Maria - mais conhecido como Terra Dura - e teve a casa invadida por marginais. Ela foi estuprada e atingida por um tiro de revólver calibre vinte e dois. Apesar das adversidades, por meio dos estudos e da leitura de bons livros que eu sempre indicava, ela também venceu. Concluiu o Ensino Médio e hoje tem um excelente emprego. Eu não tenho dúvidas de que a leitura de bons livros é um forte aliado no processo de conscientizar, educar e conduzir o cidadão a não abandonar os princípios básicos de uma sociedade justa e empática.

Segundo Carl Jung, “até onde conseguimos discernir, o único propósito da existência humana é acender uma luz na escuridão da mera existência”. Quando fazemos a diferença numa sociedade machista, preconceituosa, competitiva, consumista, materialista e individualista, principalmente quando não temos um padrinho político ou não nascemos em um berço de ouro, e buscamos, por meio da leitura e dos estudos, agir de acordo com a ética, conseguimos acender uma luz na nossa própria escuridão e, assim, sermos exemplos para muitos que ainda se encontram na escuridão da miséria material e espiritual.

A minha maior alegria - e vai valer todo o tempo que dediquei ao escrever para esta revista fantástica, “Teor” - será se você, leitor, conseguir a mais cobiçada das diferenças, independentemente de ter conseguido ou não os seus objetivos: SER FELIZ. ■

RITA DE CÁCIA SANTOS SOUZA, professora com Mestrado em Educação pela UFS, Doutorado e Pós-doutorado pela UFBA, atua no Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, líder do Núcleo de Pesquisa e Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva - Núpita/ CNPq/UFS/SE e é membro do Educon-CNPq/UFS/SE.  
ritacssouzaa@yahoo.com.br



# AVALIAR OU NÃO AVALIAR O ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL?

O docente precisa acompanhar a aprendizagem desse aluno, compreendendo seus limites e ampliando suas possibilidades de desenvolvimento



blemas referentes à forma de ensinar atribuída ao docente e a maneira como o aluno com DI aprende.

**A** sala de aula é sem dúvida o ambiente onde o professor exerce de forma plena suas habilidades e competências no processo de ensinar, buscando a partir de suas experiências e saberes desenvolver a aprendizagem dos educandos.

Ao possibilitar a aprendizagem dos educandos inseridos na sala de aula, o professor cria um ambiente inclusivo respeitando as diferenças e particularidades de cada um. Dentro

dessa ação inclusiva no respeito às diferenças, como o professor garante a aprendizagem do aluno com deficiência Intelectual (DI) a partir do processo avaliativo? Avaliar ou não avaliar?

Nesse sentido, as ações educativas na escola comum voltadas à aprendizagem dos alunos com DI tornaram-se uma preocupação no cotidiano dos professores, uma vez que são revelados e diagnosticados pro-

A entrada do aluno com deficiência nas classes comuns do ensino exige dos professores mudanças em sua prática pedagógica. Consideramos que tais mudanças não são mudanças nunca antes exigidas, mesmo porque, na escola, sempre tivemos alunos que apresentam dificuldades, que não a deficiência, e que por vezes se mostram acentuadas. Esse aspecto significa que a escola sempre se mostrou e se mostra rígida, com dificuldades para trabalhar com a heterogeneidade, de modo que a entrada do aluno com deficiência, em seu espaço, evidencia de forma mais intensa a visão homogênea da aprendizagem, ainda presente na escola atual. (VALENTIM, 2011, p.62).



FREEPK

Desta forma, não reconhecer as características das deficiências e em especial dos alunos com DI representa grande problema no ensino, repercutindo de maneira significativa para a formação deste aluno.

É necessária uma ação conjunta entre os envolvidos no processo para que, diante da realidade da educabilidade escolar do aluno com DI não sejam realizadas e mantidas ações pedagógicas equivocadas ou com pouca representatividade na aprendizagem.

É certo que os professores, muitas vezes, são vítimas de legislações que propõem ações voltadas para as pessoas com deficiência, sem promoverem um direcionamento pleno nos saberes docentes.

Sobre esse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares (Brasil, 1999), a avaliação do aluno com necessidades especiais deve focalizar:

[...] os aspectos do desenvolvimento (biológico, intelectual, motor, emocional, social, comunicação e linguagem); o nível de competência curricular (capacidades do aluno em relação aos conteúdos curriculares anteriores e a serem desenvolvidos) e o estilo de aprendizagem (motivação, capacidade de atenção, interesses acadêmicos, estratégias

próprias de aprendizagem, tipos preferenciais de agrupamentos que facilitam a aprendizagem e condições físicas ambientais mais favoráveis para aprender).

A observação acima mostra aspectos que envolvem adaptações em todo o processo de ensino para que os professores possam de fato atender as necessidades reais dos alunos com deficiência. Se o professor leciona para alunos com Deficiência Intelectual, estes possuem características próprias. Cada um aprenderá dentro de seu ritmo, pois o que se deve considerar não é a mesma deficiência, mas o indivíduo em sua particularidade. Uma mesma estratégia avaliativa pode ser ajustada para ambos os alunos, sendo que o respeito às particularidades e diversidades devem ser permanentes.

Estimular o aluno a realizar determinada atividade é um mecanismo para garantir possibilidades de aprendizagem. Para tanto é preciso que o docente abandone o discurso do não saber fazer, reconhecendo a importância da educação e da escola inclusiva como um dos condicionantes da sua atuação profissional, mesmo se sabemos que a inclusão não é responsabilidade única do professor, e sim de todos os envolvidos, no entanto não podemos esquecer que é ele, somos nós os principais protagonistas.

Conhecer e compreender as necessidades dos alunos, transcendendo suas dificuldades e mobilizando suas possibilidades, significa incluí-lo em todo o contexto escolar, permitindo a tomada de decisões no que se refere às adequações para a promoção de uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, os resultados devem ser potencializadores da intervenção educativa na busca de soluções para que o aluno com deficiência intelectual alcance o conhecimento e, desta forma, não seja

submetido a momentos artificiais da aprendizagem.

Entender a avaliação como processo representativo na vida cotidiana do educando com DI garante ao professor uma flexibilidade de ações didáticas e pedagógicas para adaptar sua atuação na perspectiva inclusiva.

Para uma abordagem representativa da avaliação é preciso identificar e explorar todos os canais de aprendizagem dos alunos com Deficiência Intelectual: sua maneira particular de aprender; suas formas de interação; suas experiências com o ambiente.

O papel do professor no processo avaliativo é valorizar a interação e construção que o aluno com deficiência possui com o mundo. Em sua atuação, o docente precisa acompanhar a aprendizagem desse aluno, compreendendo seus limites e ampliando suas possibilidades de desenvolvimento.

Portanto, o papel do professor no processo avaliativo é valorizar a interação e construção que o aluno com deficiência possui com o mundo. Em sua atuação, o docente precisa acompanhar a aprendizagem desse aluno, compreendendo seus limites e ampliando suas possibilidades de desenvolvimento para uma vida em sociedade. Ou seja, é preciso avaliar o processo de aprendizagem e não a pessoa, pois ela tem muitas outras habilidades. ■

---

Participação na matéria: Richardson Batalha de Albuquerque, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professor da Rede Pública Estadual de Ensino. Membro do Núcleo de Pesquisa e Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva - Núpita/UFS.

#### Referências:

VALENTIM, F. O. D. *Inclusão de alunos com deficiência intelectual: considerações sobre avaliação da aprendizagem escolar*. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares*. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.

---

DOMINGOS PASCOAL DE MELO, nascido na cidade de Groairas, no Ceará, formado em Filosofia, em Ciências Jurídicas e pós-graduado em Gestão de Pessoas, advogado, jornalista, articulista do portal Infonet (infontet.com.br/blogs/domingospascoal), membro efetivo e vitalício da Academia Sergipana de Letras, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, da Associação Sergipana de Imprensa (ASI), da Associação Cearense de Jornalismo do Interior e da Associação Cearense de Escritores (ACE).  
dpcascoal@gtmail.com | facebook.com/Domingos Pascoal | domingospascoal.blogspot.com | infonet.com.br/blogs/domingospascoal



# O EMPREGO

Não esqueça, novos tempos, novas buscas: adaptação, conhecimento especializado, comprometimento... ser o melhor

*Diz-se que a empresa do futuro terá três agentes de produção:*

*Uma máquina, um cachorro e um homem. Assim mesmo nesta sequência.*

*A máquina para fazer todo o trabalho;*

*O cachorro para vigiar e não permitir que o homem mexa na máquina; e O homem? Bem, o homem terá a missão de alimentar o cão, dar banho e passear com ele de vez em quando...*

*Desconheço o autor*

É público e notório que o emprego está ficando a cada dia mais escasso. E isso é sempre justificado com o argumento de que a máquina está substituindo o homem; de que onde trabalhavam vinte pessoas hoje repousa um computador, resolvendo com muito mais eficiência as tarefas que eram desenvolvidas por quarenta mãos e vinte cérebros; de que é impossível competir com a automação: informática, robótica, telemática etc.. Enfim, que está muito difícil arranjar um bom emprego e que isso é o fim dos tempos e vai chegar um momento em que o ser humano não vai servir mais para nada.

Há quem chegue a afirmar que ideal seria estancar o progresso, volvermos ao “*status quo ante*”, quando mãos, cérebros e vontades, boas ou más, realizavam todas as tarefas. Outros acham que estamos vivendo uma grande quebra de paradigmas e ultrapassando o tão surrado discurso do fim do capitalismo, do fim da sociedade do trabalho e o fim do antagonismo entre capital e trabalho.

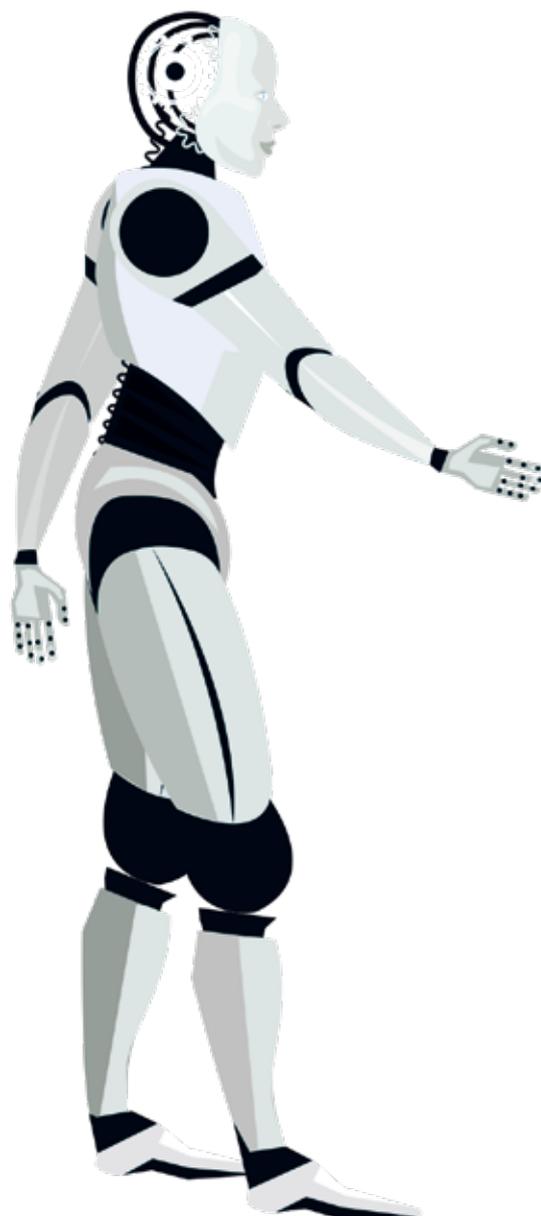
Há quem ache, por outra via, que o homem realmente não veio ao mundo para trabalhar e que o traba-

lho, desde a gênese humana, é castigo: “*Ganharás o pão com o suor do teu rosto*”, disse Deus a Adão por ter ele desobedecido às suas ordens. E ainda aqueles que entendem que a sociedade já está atingindo o ponto de maturação em que não haverá mais a necessidade do trabalho humano e que baseado em tal interpretação estamos às portas do tão sonhado ócio produtivo, ócio criativo etc.

Não saberia este modesto conhecedor de nada dar uma receita, contestar ou afirmar tais teorias. No entanto, é evidente que desde o início das eras, quando o homem dominou o fogo, inventou a roda, criou petrechos de pedra e madeira e domesticou animais, foi porque aquelas invenções significavam mais conforto.

O desenvolvimento nunca parou na revolução industrial, quando a máquina surgiu, quando também se renunciava a liberdade do homem. Bradava-se: a partir de agora teremos máquinas para nos libertar...

Na verdade, não foi isso o que aconteceu. Naquele tempo, como agora, a máquina foi tão contestada por algumas correntes do pensamento quanto nos dias atuais está sendo



a tecnologia digital. Ela, igualmente, veio para nos socorrer e acabou nos substituindo, tomando os nossos postos de trabalho.

É o preço. O preço do desenvolvimento. Tudo o que tem grande potência tem, em contrapartida, grande preço a pagar. A impotência do homem frente à automação é uma realidade. Não há, acredito, nenhuma forma de enfrentá-la a não ser ultrapassando-a, aliando-se a ela ou tornando-se o melhor dos melhores naquilo que já fez ou se propõe a fazer.

Como ultrapassá-la é humanamente impossível, resta-nos quedar nosso orgulho e em convivência

seguir os seus passos. Afinal, já afirmava Maquiavel: *“quando não se pode dominar o adversário, o melhor é aliar-se a ele”*.

Aos excelentes e comprometidos, aqueles que querem sempre aprender, que desempenham com amor, competência e desvelo as suas funções, sempre terão uma colocação no mercado de trabalho. Em contrapartida, aquele que só faz porque é obrigado, senão não terá no final do mês o seu salário, estará, sem dúvidas, destinado a ser um eterno desempregado.

Acreditamos que, mesmo com todo desenvolvimento, com toda a informática, com todas as máquinas, àqueles que fazem sempre melhor, os mais comprometidos, os que se determinam a aprender, que têm a humildade de adaptar-se aos novos padrões, não vai faltar colocação no mercado laboral.

Acabou a vaga do “bom”. Aquele cidadão que afirmava com orgulho que era o “bom” está ultrapassado, pois já existem os excelentes, e serão estes e não aqueles que ocuparão os postos de trabalho mais qualificados. E não poderia ser diferente. Por que alguém contrataria um “bom” se pode ter o melhor?

Além de excelente, além de ser o melhor, seria também de fundamental importância amar o que faz. Vibrar com a profissão que exerce. Ser comprometido. No entanto, constata-se, com tristeza, que isto está a cada dia mais distante. Vibrar com o que faz, se comprometer com o sucesso da operação, torcer para que se realize o melhor para as partes envolvidas, desempenhar com amor aquilo que se prontificou a fazer já não faz parte da intenção daquela maioria que, na fila, busca uma colocação no mercado de trabalho.

Infelizmente, sabemos que estes vão continuar lá mesmo, na fila,

ninguém quer e, quando por acaso admite, logo demite...

Acaso já escutaram estas colocações? *“Só estou aqui para defender o meu”*, em outras palavras, *“estou pouco me lixando para o que acontece com a empresa, o patrão que se vire”*. Será? Cuidado, o patrão poderá arranjar outro mais envolvido ou uma maquininha para o substituir.

Na grande maioria desvalorizamos tanto o nosso trabalho que quando nos perguntam para onde vamos respondemos: Vou à luuuta! Vou à guerra! Vou para a batalha! Vou enfrentar o batente... Quando deveríamos dizer exatamente ao contrário, pois depois da nossa casa o local mais importante e onde passamos mais tempo é o nosso trabalho.

Deveríamos amar mais o que fazemos. A nossa profissão deveria ser encarada com muito mais comprometimento. Pense no produto ou serviço feitos por uma pessoa que encara o trabalho como sendo uma luta, uma guerra, uma batalha ou um batente. Será que é um bom produto ou bom serviço?

Amigo, não esqueça, você pode até achar seu trabalho uma porcaria, mas, acredite, com certeza existe um batalhão de pessoas querendo a sua vaga. Além disso, você poderá ser simplesmente substituído por uma máquina.

Não esqueça: a situação é irreversível, não há como desinformatizar, desrobotizar, desautomatizar. A tecnologia só anda para frente, não dá passo à ré, não retrocede. No seu caminho só o avante é possibilidade. Re-tornar, re-voluir, re-formar não são termos sequer conhecidos.

Não esqueça novos tempos, novas buscas: adaptação, conhecimento especializado, comprometimento e, sobretudo, ser em todos os aspectos o melhor em tudo o que faz. Esta é a grande expectativa do mercado. PENSE NISSO, FAÇA SEMPRE O SEU MELHOR. ■



## SAÚDE

ALMIR SANTANA. Criou as primeiras campanhas de prevenção regionalizadas no Brasil e o único carro em forma de camisinha do mundo. As principais conquistas foram: Troféu Imprensa, Medalha Tiradentes, Comenda Aperipê, Médico do Ano (SESI Nacional), Prêmio Brasil de Medicina (prêmio nacional), Prêmio Aids Responsabilidade Social (prêmio nacional), Prêmio Gente Que Faz (Rede Globo), Troféu Augusto Franco, Prêmio Medicina com Responsabilidade Social (Conselho Federal de Medicina).  
jalmir@infonet.com.br



# CRIANÇAS VIVENDO COM HIV/AIDS: UMA DIFÍCIL REALIDADE

Em Sergipe, existe a Casa de Apoio Bom Samaritano, única entidade que lida diretamente com as pessoas soropositivas



ARQUIVO PESSOAL

Almir e criança com HIV

**O**HIV não faz escolhas com relação à possibilidade de infecção no pobre ou no rico, no homem ou na mulher, no casamento ou fora do casamento, no jovem ou no idoso. Porém, quando se trata de criança, a pobre é muito mais atingida pelo vírus do que as crianças da classe média ou alta, evidenciando que a pobreza é, sem dúvida, um grande fator de risco de infecção para essa faixa de idade.

As crianças podem contrair o HIV pela transmissão da mãe para filho (transmissão vertical), recepção de sangue infectado ou por abuso sexual. Em várias regiões da África, muitas crianças se infectaram por serem vítimas de estupro. No Brasil, a infecção pelo HIV atinge crianças por transmissão vertical, indicando falha no pré-natal.

Vários são os fatores que ligam a pobreza com a maior possibilidade de infecção pelo HIV em crianças. Em primeiro lugar, as dificuldades de acesso aos serviços de saúde pela população que vive em situação de pobreza. Existem motivos dos próprios serviços que não conseguem identificar as gestantes da área de abrangência da Unidade de Saúde porque possuem equipes incompletas. Às vezes até conseguem localizar tais gestantes, mas tardiamente, ficando o pré-natal comprometido. É importante lembrar que os testes rápidos para diagnóstico do HIV, sífilis e Hepatites Virais estão disponíveis na Atenção Primária, mas nem sempre são executados pelos profissionais de saúde (alguns profissionais de saúde alegam “sobrecarga de trabalho”) e terminam encaminhando as gestantes para outros serviços, dificultando o seguimento do pré-natal.

Existem razões das próprias gestantes e seus parceiros: gestantes itinerantes, que não conseguem criar um vínculo com a Unidade de Saúde onde mora – mudam de cidade ou de bairro frequentemente; gestantes usuárias de drogas lícitas (alcoóla-



Atividade de lazer

tras) ou ilícitas (maconha, crack...), dificilmente seguem as orientações recomendadas para um pré-natal de qualidade; existem até gestantes cujos parceiros não permitem que elas vão fazer o pré-natal e até ameçam quando elas demonstram interesse em ir ao ginecologista/obstetra para avaliação.

### **UMA BOA NOTÍCIA: REDUÇÃO DOS ÓRFÃOS DA AIDS**

No início da epidemia, quando não existia o acesso ao tratamento com os antirretrovirais, as mães e pais soropositivos morriam e deixavam seus filhos soropositivos ou não órfãos e recebiam a denominação de “Órfãos da Aids”. Hoje no Brasil, primeiro país a disponibilizar os medicamentos antirretrovirais, a qualidade de vida melhorou e, consequentemente, reduziu a mortalidade tanto materna como paterna, e as crianças soropositivas estão sendo cuidadas, na sua maioria, pelos seus próprios pais.

Por outro lado, os pais sobrevivem, mas enfrentam grandes dificuldades pela situação de pobreza e necessitam de mais apoio, não só dos gestores municipais e estaduais, como também da própria sociedade.

Em Sergipe, existe a Casa de Apoio Bom Samaritano, única

entidade que lida diretamente com as pessoas soropositivas e que vivem em situação de pobreza. Se por um lado no Brasil existem diversas entidades que apoiam crianças e adultos com câncer, não apenas no nosso estado, são poucas entidades não governamentais que ajudam as crianças e adultos vivendo com HIV/Aids e que estão em situação de pobreza.

### **AÇÕES DE SOLIDARIEDADE E INCLUSÃO SOCIAL**

Temos realizado, no nosso estado, diversas ações de inclusão social, com o apoio de voluntários e de algumas instituições, com o objetivo de mostrar que as crianças soropositivas existem e necessitam de mais apoio da sociedade. Promovemos dia de lazer na praia e em clubes sociais ou parques de diversões, com a participação de estudantes e voluntários de diversas entidades, como o belo Projeto Estrelas do Mar, levando as crianças à praia e estimulando a interação com os voluntários e dando a oportunidade de conhecerem e curtirem as nossas belas praias. Uma grande parceira nesta luta é a Secretaria de Estado e Inclusão Social.

A Aids em crianças não pode ser vista como apenas um problema de saúde pública. É também um importante problema social. ■

PAULO ROBERTO DANTAS BRANDÃO, economista e advogado, tendo atuado muito tempo como jornalista, tendo sido diretor de redação da Gazeta de Sergipe. Pertence ao Corecon (fórum de debates Luiz Antônio Barreto).



# O DESENVOLVIMENTO DE SERGIPE (I)

As fichas foram jogadas no projeto de um polo químico na década de 1980, o Polo Cloroquímico

**N**a década de 1980 o governador Antônio Carlos Valadares jogou suas fichas no projeto de um polo químico que consolidaria o desenvolvimento de Sergipe. Os técnicos do Estado adaptaram um projeto que já existia de um Complexo Industrial Integrado de Base e o transformaram num projeto de um Polo Cloroquímico. Se faltava um mote para o complexo, agora havia, o cloro. Uma indústria-mãe produziria Soda Cloro e, a partir daí, uma série de industriais de 2ª ou 3ª geração aproveitaria tal produto como matéria-prima principal.

O passo seguinte era aprovar o projeto no Conselho de Desenvolvimento Industrial (CDI) do Governo Federal. Isso era importante porque qualquer indústria química que alguém quisesse implantar no país tinha que passar pela aprovação do CDI. Lá no CDI eram estudadas: a existência da matéria-prima, a viabilidade técnica e, entre outras coisas, a origem do capital. Era uma época do dirigismo estatal. Com tal dirigismo foram viabilizados os Polos Petroquímicos de Camaçari, na Bahia, e o de Triunfo, no Rio Grande do Sul, entre

outros. Assim, quem quisesse, mesmo com capital próprio, instalar uma indústria química, tinha que procurar um polo aprovado pelo CDI, que só concedia se o local fosse um dos polos aprovados. Sergipe foi competente em apresentar o seu projeto, que na visão da época era bem estruturado. A aprovação foi comemorada com festas e tudo mais. Como repórter, fui a Brasília assistir à solenidade de assinatura da aprovação.

Só que antes do Polo Cloroquímico ser concretizado, veio o governo Collor. A regra foi desregular a economia. Com isso, aprovação do CDI passou a não ter importância, nem necessidade. Foi-se pelo ralo o fator de atração que Sergipe dispunha, um amplo projeto aprovado pelo órgão regulamentador. Como agora o importante era atrair investimentos para o Brasil, quem quisesse investir que o fizesse onde desse na telha. E o polo foi pelo ralo. A desregulamentação da economia tirou a força dos grandes projetos elaborados pelos governos do Estado, principalmente dos estados pequenos.

Lembro o projeto do Polo Cloroquímico porque vivemos outro

FOI-SE PELO RALO O FATOR DE ATRAÇÃO QUE SERGIPE DISPUNHA... A DESREGULAMENTAÇÃO DA ECONOMIA TIROU A FORÇA DOS GRANDES PROJETOS

momento delicado. A Petrobras hibernou a Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados. A produção de potássio a partir da mineração da silvinita está no final. A produção de petróleo com poços maduros diminui a cada dia. E não vejo o que o governo do Estado pode vir a fazer a esse respeito. Ou seja, a era dos grandes projetos que alavancariam o desenvolvimento de Sergipe acabou. E não há muito que o governo estadual, principalmente um governo sem expressão como o atual, possa vir a fazer sobre isso.

Pretendo continuar com o tema. ■

# PÓS-GRADUAÇÃO DIREITO 2019



- DIREITO TRIBUTÁRIO E PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO
- DIREITO E PROCESSO CIVIL
- DIREITO DO TRABALHO E PREVIDENCIÁRIO
- DIREITO DO ESTADO
- DIREITO E GESTÃO MUNICIPAL
- CIÊNCIAS CRIMINAIS

INÍCIO: 26 e 27 de Abril

100% PRESENCIAL



SILVIO FONSECA, 44 anos - gerente comercial, profissional do setor automobilístico com mais de 20 anos de experiência gerenciando concessionárias das principais marcas de automóveis do mundo. Sócio da Prime Consulting.  
primec.silviofonseca@gmail.com



# LIGANDO MAIS UM EQUIPAMENTO NA TOMADA

Campanhas de conscientização ambiental alertam para a necessidade de reduzir a emissão de combustíveis fósseis

**A** revolução digital que a humanidade atual está atravessando vem mudando cada vez mais rápido as paisagens das nossas cidades e também o cotidiano das famílias, com introdução de novos equipamentos eletrônicos que facilitam nossos afazeres diários. Nos últimos anos, um novo equipamento ligado às tomadas vem se tornando cada vez mais comum nos lares de algumas famílias. Não se trata de mais uma TV de alta resolução e tampouco de um novo equipamento que venha ajudar nas tarefas de casa, e sim de um meio de transporte que fascina todos os indivíduos de uma família, que é o automóvel.

O que parecia cena de filme de ficção científica vem se tornando cada vez mais comum no nosso dia a dia, que é a presença dos veículos movidos a eletricidade. Com o avanço das tecnologias que envolvem esse tipo de automóvel, os custos de fabricação estão caindo cada vez mais, a autonomia vem aumentando e o desempenho desses

carros já possui índices de modelos esportivos movidos a combustão.

Cada vez mais a humanidade sofre a pressão de conservação do meio ambiente, precisando desenvolver produtos que poluam cada vez menos nosso sistema. A degradação que o homem vem causando ao meio ambiente vem preocupando os estudiosos do setor, que sinalizam para um colapso natural caso o homem não adote uma política de preservação ambiental eficaz.

Carros elétricos são melhores para o meio ambiente do que os veículos tradicionais movidos a gasolina e esse benefício vai aumentar à medida que as geradoras de eletricidade reduzem o uso de carvão. Esta é a conclusão de um estudo da Bloomberg NEF segundo o qual, no ano passado, a emissão de dióxido de carbono por veículos movidos a bateria foi aproximadamente 40 por cento menor do que a emissão por automóveis com motores de combustão interna. A maior diferença foi observada no Reino Unido,

que tem uma grande indústria de energia renovável, mas também foi comprovada na China, que depende mais do carvão para gerar eletricidade.

No ano passado, a frota mundial de elétricos e híbridos passou de 2 milhões de unidades. Estima-se que chegue a 13 milhões até 2020 e, em 2030, a 140 milhões, o que corresponderia a 10% da frota total de veículos.

O futuro das ruas e estradas brasileiras será ligado na tomada. De acordo com estudo da consultoria Accenture Strategy, em parceria com a FGV Energia, há potencial para as vendas deste tipo de carro saltarem da casa dos 3 mil, registrados em 2017, para os 150 mil por ano, o que corresponderia a 7% do total de comercialização de veículos no país. A tendência é de que os números aumentem ainda mais.

Campanhas de conscientização ambiental alertam para a necessidade de reduzir a emissão de combustíveis fósseis, e o setor



## O MEIO AMBIENTE AGRADECE

Os automóveis híbridos já fazem parte do cotidiano das principais cidades do mundo.

de transporte é um dos principais responsáveis por emitir gases do efeito estufa. As alternativas com motores elétricos são importantes nessa missão – estima-se que carros híbridos e elétricos poluem até 90% menos do que os tradicionais. A aposta em motores alternativos tem conquistado mais adeptos com as opções híbridas em que há um motor de combustão trabalhando em conjunto com o elétrico, o que dá mais potência ao carro e pode servir como forma de recarregar a bateria.

Vários desses modelos têm seu motor elétrico alimentado pelo

de combustão, mas os mais práticos oferecem funcionalidades ainda melhores para manter a carga alimentada.

Até metade do próximo ano, é esperado que os veículos elétricos custem menos do que os convencionais não só em preço de compra, mas também no valor para manter. Por terem menos peças móveis, a manutenção demanda menos dinheiro e o bolso agradece na hora de “abastecer”, pois a energia elétrica é mais em conta do que a gasolina ou diesel.

O certo é que o que antes era uma incógnita virou uma realidade.

Os automóveis híbridos já fazem parte do cotidiano das principais cidades do mundo. Para alguns, ainda restam dúvidas sobre seu funcionamento, desempenho e principalmente manutenção dos mesmos.

Há aqueles fanáticos pelos roncões dos motores movido a combustão, que torcem o nariz para essa tecnologia que vai revolucionar esse mercado tão pujante, que move boa parte da cadeia industrial mundial, mas já estão convencidos de que essa tecnologia de fonte de energia veio para ficar e só vai evoluir com o tempo, tornando-se cada vez mais acessível a nossa sociedade. ■



E como é lindo ver o Peneirou rasgar os salões com sua rica indumentária temática, minuciosamente adornada com miniaturas dos utensílios usados no preparo das comidas típicas



MARCO ANTÔNIO CAMILO DOS SANTOS\*

**F**oi em junho que as primeiras peneiras começaram a balançar. Mês em que o cheiro das fogueiras acesas em memória do nascimento de João Batista se mistura ao aroma das comidas típicas da culinária nordestina que deixam, nessa época do ano, as mesas fartas de pé de moleque, beiju, bolos de diversos sabores, arroz doce, caruru, milho assado e cozido e inúmeros pratos prepara-

dos à base deste cereal plantado no dia de São José, como, por exemplo, mucunzá, canjica, pamonha e xerém. Período em que o simples se torna sofisticado, afinal, um pequeno salão, um chão de quintal, uma varanda, um oitão ou um espaço informal se transforma em um rico cenário, lindamente decorado com pano de chita e esteira de vime e ornado com balões, bandeirolas e peneiras, pronto

para receber os mais afinados trios pés de serra e os casais amantes do autêntico forró, bem como as quadrilhas que dão um colorido especial aos festejos juninos.

Com certeza este ano a mesa ficou ainda mais farta e o cenário bem mais colorido, porque além de trazeremos para o centro das comemorações o centenário de nascimento de um dos maiores defensores das tradições

juninas, amante do forró, do xaxado e do coco, o saudoso compositor, cantor, ritmista e exímio pandeirista, o paraibano José Gomes Filho, mais conhecido pelo nome artístico de Jackson do Pandeiro, apelidado de Rei do Ritmo, festejamos os trinta anos de fundação do GRUPO CULTURAL DANÇA PENEIROU XERÉM.

Inspirado em música de outro rei, o do baião, o grande Luiz Gonzaga, composta em parceria com Miguel Lima, intitulada Peneirou Xerém, a senhora Josefa Oliveira Santos, em 1º de junho de 1989, por ocasião de um Curso de Terapia Ocupacional realizado na comunidade do bairro Castelo Branco, criou aquele que se tornaria um dos mais expressivos grupos de dança folclórica do nosso estado, constituído em sua ampla maioria por senhoras da terceira

idade que buscavam naquele evento uma oportunidade de reintegração social e acabaram, através dos anos, promovendo uma verdadeira revolução cultural através da dança.

E como é lindo ver o Peneirou rasgar os salões com sua rica indumentária temática, minuciosamente adornada com miniaturas dos utensílios usados no preparo das comidas típicas (ralo, pilão, peneira e cabaça), anualmente idealizada com a função de homenagear e, assim, resgatar

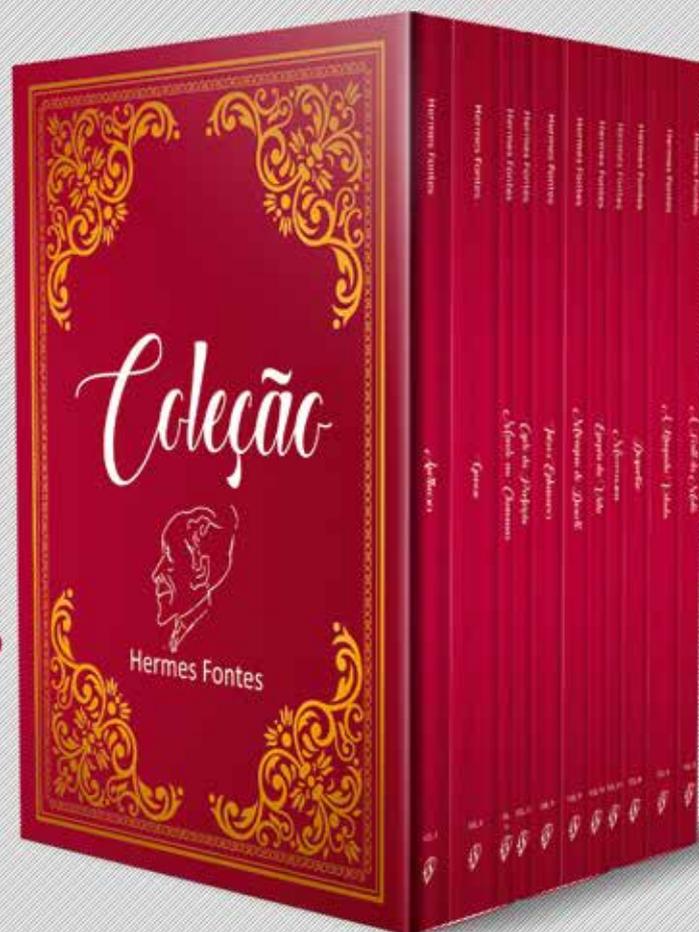
personagens do cotidiano regional ou expressões culturais, como os cangaiceiros, as rendeiras, as marisqueiras, as mangabeiras, as quadrilhas, dentre outras, e com sua dança vibrante, cuja coreografia é chancelada pelo balançar de suas peneiras caprichosamente decoradas. É tempo de viajar nas lembranças trintenárias e recordar o saudoso senhor Bispo, membro fundador e único componente masculino por muitos anos, que a todos encantava com seu jeito simples, o



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

# A COLEÇÃO COMPLETA DO POETA HERMES FONTES VOCÊ ENCONTRA NA INFOGRAPHICS

Av. Edesio Vieira de Melo, 480 | São José | Aracaju-SE  
(79) 3302-5285 / 99981-5026  
[www.infographics.com.br](http://www.infographics.com.br)





ARQUIVO PESSOAL

gentleman do xaxado, o Dom Juan do forró, o rei do pilão, bem como dona Silinha, que nos brindou com seu vasto conhecimento da cultura popular e com sua dança até os 84 anos, vindo a falecer aos 102.

São trinta anos de luta e dificuldade, mas também de muitas conquistas. Desenvolver um trabalho sério no campo cultural envolvendo diversas pessoas em torno da dança é bastante desgastante e deveras dispendioso. Acrescente-se a isso o quase inexistente apoio do setor público, assim como da iniciativa privada. Somente com dedicação, empenho e amor foi possível manter acesa por tanto tempo a chama da dança peneirou xerém. E foi justamente o amor ao folclore e às tradições culturais que fez com que dona Josefa e seus seguidores atravessassem rigorosos invernos e exaustivos verões de ausência de verba ou patrocínio sem jamais desanimar nem, tampouco, deixar apagar a chama dessa fogueira alimentada pelo balançar de suas peneiras.

E foi balançando e peneirando, peneirando e balançando que o grupo se tornou um dos mais tradicionais, atuantes e respeitados na seara da dança folclórica de Sergipe, com incontáveis apresentações locais, diversas outras cidades e estados da federação, a exemplo, Salvador/BA, Santo Amaro/BA, Cachoeira/BA, Serra Talhada/PE, Bonito/PE, Caruaru/PE, Brasília/DF, Taguatinga/DF e Rio de Janeiro/RJ, e matérias exibidas em programas televisivos de âmbito nacional, como o “BEM ESTAR”, em 2015, e o “GLOBO REPÓRTER”, em duas ocasiões, 2014 e 2017, ambos da Rede Globo.

Tentando alçar novos voos, adequar-se às exigências legais e buscar estabilidade financeira, o grupo festeja seu Jubileu de Pérola com ânimo renovado e nova denominação, uma vez que a partir deste mês passa a responder pelo nome de Associação Cultural Instituto Peneirou Xerém, ou simplesmente, Instituto Xerém, mantendo e preservando, acima de tudo, a dança peneirou xerém, mas incorporando a sua história novos elementos,

com o objetivo de oxigenar a entidade e garantir sua existência pelo menos por mais trinta anos. Assim, somam-se aos 27 integrantes do Dança Peneirou Xerém, composto em sua maioria por pessoas idosas, 48 jovens da Quadrilha Peneirou Xerém, capitaneados pelo competente marcador, o professor José Eloi dos Santos Filho.

Sinto-me feliz por também fazer parte dessa história, na condição de assessor jurídico voluntário, contribuindo, assim, para a preservação deste grupo folclórico que tanto orgulho dá ao povo sergipano. Que o Peneirou permaneça sempre sob a proteção dos santos juninos, Santo Antônio, São João, São Pedro e São Paulo. Parabéns pela sua história de luta! Parabéns pela brilhante travessia! Parabéns pelos trinta anos de amor à cultura, ao folclore e à dança peneirou xerém! Continuaremos juntos peneirando nos próximos 30 anos. ■

---

\*Marco Antônio Camilo dos Santos é Advogado, poeta, contista, cronista e biógrafo.

---

11 a 15  
de Setembro 2019

SALVE  
DATA

5<sup>a</sup>

**bie  
nal**  
do  
livro  
de Itabaiana

UM  
FESTIVAL DE  
CONHECIMENTO

A **Bienal do Livro de Itabaiana** foi criada com o objetivo de incentivar e propagar a cultura sergipana, tanto dentro quanto fora do Estado. Esse ano a **Bienal do Livro de Itabaiana** acontecerá de 11 a 15 de Setembro, diretamente da estrutura grandiosa do Shopping Peixoto. Será a maior e melhor Bienal de todos os tempos. Aguarde!



**infographics**  
gráfica & editora

**EDITORA OFICIAL**

(79) 3302-5285 / 99628-9303  
Av. Edézio Vieira de Melo, 480  
Aracaju/SE

 /bienaldolivroitabaiana  
[www.bienaldolivroitabaiana.com.br](http://www.bienaldolivroitabaiana.com.br)  
[contato@bienaldolivroitabaiana.com.br](mailto:contato@bienaldolivroitabaiana.com.br)

Realização:

**Perfil**  
EMPREENDIMENTOS

**FM** ITABAIANA  
FM

**itnet**  
TELECOM

# INVESTIMENTOS NA PRODUÇÃO DE MILHO EM SERGIPE JÁ CHEGAM A R\$ 46,8 MI

EXPECTATIVA É DE QUE O ESTADO DESPONTE COMO O 4º MAIOR PRODUTOR DO GRÃO NO NORDESTE



DIVULGAÇÃO

Antônio César de Santana - Superintendente estadual do BNB em Sergipe

DANIELLE AZEVEDO

**C**onsiderado o principal ingrediente dos pratos típicos que enfeitam as mesas nos festejos juninos, o milho faz parte das tradições culinárias nordestinas. Sua colheita anuncia a chegada do inverno e do período de chuvas, em meio às celebra-

ções católicas pelos dias de Santo Antônio (13), São João (24) e São Pedro (29). Ele é uma das principais culturas produzidas no Brasil, perdendo apenas para a soja. Segundo levantamento feito pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e divulgado no relatório de Acompanhamento da

Safra Brasileira de Grãos no final do mês passado, a produção de milho no país poderá atingir 95,2 milhões de toneladas somando-se a primeira e a segunda safra de maio, o que representa um aumento de 18% em relação à temporada passada, comprometida por problemas climáticos.

O Estado de Sergipe apareceu, na safra 2017-2018, como o quinto maior produtor de milho no Nordeste e a previsão é de que, na safra 2018-2019, ele passe a ocupar a quarta posição, atrás apenas do Maranhão, Piauí e Bahia. Do total de R\$ 98,5 milhões já investidos este ano pelo Banco do Nordeste (BNB) no segmento rural em Sergipe, R\$ 46,8 milhões foram destinados a operações de custeio de milho, valor que deve duplicar até o final de 2019. Em entrevista realizada para a Revista TEOR, o superintendente estadual do BNB em Sergipe, Antônio César de Santana, fala do aporte de recursos nos últimos anos, revela o quantitativo de produtores de milho beneficiados no estado e mostra o que é preciso para se conseguir crédito rural.

**TEOR – Qual o valor investido pelo BNB para os produtores rurais de Sergipe este ano? Deste total, quanto foi destinado à produção de milho? O aporte de 2019 foi maior que os anos anteriores? Quanto foi investido em 2017 e 2018 neste setor?**

**CÉSAR** – Para o custeio do milho nos anos de 2017 e 2018 foram investidos, respectivamente, R\$ 80 milhões e R\$ 97 milhões, representando um crescimento de 21% na oferta de crédito. A oferta de crédito rural total em operações de investimento e custeio agrícola e pecuário, respectivamente, para o ano de 2017 e 2018, foram de R\$ 249 milhões, o que indica um crescimento total de 15%. Quanto à composição dos recursos, 99% tiveram origem no Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE). Na posição de maio deste ano, foram contratados R\$ 98,5 milhões no segmento rural até 24/05/2019, sendo R\$ 46,8 milhões em operações de custeio de milho, devendo esse valor duplicar até o final do plano safra 2018-2019.



**TEOR: O crédito rural foi somente para pequenos produtores rurais e agricultores familiares? Qual o quantitativo de produtores beneficiados no estado?**

**CÉSAR:** O crédito rural é destinado independente do porte e segmento. Assim, todos os produtores rurais, desde o segmento da agricultura familiar até o segmento do agronegócio, foram amparados em suas operações de custeio e investimento. Em 2017 e 2018, foram beneficiados, respectivamente, 1.516 e 1.442 produtores rurais em operações de custeio de milho. Quanto à oferta de crédito rural (investimento e custeio), foram realizados, em 2017 e 2018, respectivamente, 20.556 e 21.258 contratos com produtores rurais.

**TEOR – Com os investimentos do BNB, há aumento da oferta de milho? Há dados que mostram a ampliação desta oferta?**

**CÉSAR** – A oferta de milho (produção) e sua demanda por crédito para o custeio agrícola é influenciada não somente pela oferta de crédito, mas de outros fatores, a exemplo das

condições climáticas, da regulação das condições normativas de acesso ao crédito rural pelo Banco Central e do endividamento do setor rural. Outrossim, historicamente o crédito concedido para o custeio do milho, com a exceção dos anos de 2012 e 2013, quando da grande estiagem que assolou o Nordeste, vem apresentando taxas positivas de crescimento, o que é um indicativo da demanda crescente por crédito para o plantio de milho e da produção em Sergipe. Assim, o financiamento para o custeio e investimento vem alavancando a produção agrícola de grãos no estado.

**TEOR – Quais as cidades que recebem investimento para a produção de milho? São todas do semiárido sergipano?**

**CÉSAR** – A oferta de crédito segue a demanda das principais regiões produtoras de milho no Estado, que são o Sertão Sergipano e a região do Agreste Sergipano, em municípios do Semiárido, com destaque para Carira, Simão Dias, Poço Verde, Frei Paulo, Pinhão, Nossa Senhora Aparecida,

Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores e Feira Nova.

**TEOR – Todo o milho produzido com os investimentos do BNB é para consumo humano ou tem reserva estratégica para alimentar os rebanhos?**

**CÉSAR –** A destinação final do produto milho em grãos pode ser para o consumo humano, processado através da indústria alimentícia, ou para o consumo animal, utilizado na fabricação de ração ou silagem. Observamos que a maior parte do produto é direcionada ao mercado de consumo animal.

**TEOR – O que o aporte de recursos na produção de milho representa para o estado?**

**CÉSAR –** Conforme aponta dados do IBGE/CONAB, na safra 2017-

2018, o Estado de Sergipe despontou como o quinto produtor de milho no Nordeste. A previsão é que, na safra 2018-2019, o Estado passe a ocupar a quarta posição, atrás apenas do Maranhão, Piauí e Bahia. Quanto à produtividade, no entanto, o Estado desponta em primeiro lugar, sendo o único com variação positiva e na casa de três dígitos. De 2008 a 2018, foram aplicados em operações de custeio, pelo Banco do Nordeste, cerca de R\$ 600 milhões no Estado de Sergipe. A oferta de crédito, portanto, vem consolidando o Estado como um dos grandes produtores de grãos da região Nordeste e o milho como principal produto agrícola financiado, gerando um efeito multiplicador de geração de renda dos municípios produtores e para o estado.

**TEOR – Os recursos são usados de que forma, nas atividades de plantio e colheita?**

**CÉSAR –** Nos financiamentos de custeio agrícola, o Banco financia todo o ciclo produtivo, desde o preparo do solo, adubação, plantio, tratos culturais e colheita. Na modalidade de Investimento Agrícola, que dá suporte à cultura do milho, o Banco financia máquinas, equipamentos e implementos agrícolas, necessários ao desenvolvimento da atividade.

**TEOR – Como se dá o financiamento? O que é preciso para conseguir crédito rural? Há muitos produtores de milho com dívidas rurais em atraso? Como o BNB faz para refinanciar.**



**CÉSAR** – O financiamento em geral ocorre através das seguintes etapas: 1) cadastro do cliente; 2) recepção e análise da proposta de financia-

mento; 3) contratação da operação e desembolso do crédito. Ressalte-se que é possível a adesão a renovação desse crédito pelo período de cinco anos na forma de crédito rotativo. As operações de custeio agrícola de valor em até R\$ 300 mil são amparadas pelo seguro do Proagro (Programa de Garantia da Atividade Agropecuária), que permite a cobertura do saldo devedor quando da ocorrência de eventos climáticos desfavoráveis. Para operações acima deste teto,

é possível a contratação do seguro privado. O refinanciamento das operações em situação de inadimplência poderá ocorrer com amparo em medida legal, a exemplo da Lei 13.340, que permite a regularização de dívidas de crédito rural contratadas até 2011. O produtor não amparado pelo Proagro ou por outra forma de seguro ou ainda por medida legal não está impedido de regularizar sua situação de crédito junto ao agente financeiro, através de outros instrumentos, desde que fique comprovada esta necessidade. ■



DIRK (BEEKI) SCHUMACHER/PIXABAY

## TURISMO

FREDSON NAVARRO, jornalista, especializado em Gestão da Comunicação Integrada, tem MBA em Assessoria de Imprensa, atua no mercado há 15 anos e já conquistou mais de 20 prêmios de jornalismo. Navarro é baiano e em 2016 recebeu o título de Cidadão Aracajuano. Atualmente é CEO da Navarro Comunicação e trabalha na TV Atalaia e Cinform.  
jornalistanavarro@gmail.com



DIVULGAÇÃO

Praça São Francisco é patrimônio da Unesco

# CENTRO HISTÓRICO DE SÃO CRISTÓVÃO ENCANTA TURISTAS QUE VISITAM SERGIPE

História e arquitetura são destaques da quarta cidade mais antiga do Brasil

**O**turista que estiver em terras sergipanas se encanta ao deixar o litoral de águas mornas e viajar cerca de 30 minutos rumo ao município de São Cristóvão, a 23 quilômetros da capital Aracaju. O visitante poderá conhecer de perto a história, a arquitetura e os sabores

de uma cidade que mantém viva as tradições acumuladas ao longo de séculos de existência.

Quarta cidade mais antiga do Brasil, com 422 anos, e primeira capital de Sergipe, São Cristóvão tem como símbolo a Praça São Francisco, que foi reconhecida como Patrimô-

nio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). A cidade ainda esconde em suas ruas e ladeiras a história de invasões holandesas e grandes criações arquitetônicas, que fazem do lugar um passeio na história.



Arquitetura das igrejas mantém obra do Barroco



Museus são atrações no município



Igreja da Ordem Primeira do Carmo e Convento do Carmo

O folclore é passado através das gerações e mantém vivas as danças típicas como: Reisado, Chegança, Caceteira, Langa, São Gonçalo, Bacamarteiros e Samba de Coco.

O melhor horário para conhecer São Cristóvão é pela manhã, quando museus e igrejas estão abertos. Depois, os visitantes podem caminhar pela cidade e conhecer mais de perto a beleza de sua arquitetura, realçada pelos casarões coloniais que ainda preservam suas fachadas. As ruas de pedra também impressionam pela conservação. O visitante que decidir fazer o roteiro no período da tarde deve ficar atento ao relógio, pois os locais de visita funcionam até as 16h, e a maioria dos comerciantes segue o mesmo horário.

## CENTRO HISTÓRICO

Entre os locais mais procurados para visita está o Museu Histórico de Sergipe, localizado na praça São Francisco. É no prédio do século XVIII que estão abrigados os principais elementos que ajudam a contar a história de Sergipe. O acervo reúne relíquias como o famoso quadro de Horácio Pinto da Hora, que retrata Ceci e Peri [eles são os personagens principais do romance O Guarani, do escritor José de Alencar], móveis, documentos, moedas, louças e outros objetos que revelam a importância de São Cristóvão no contexto histórico.

Também da praça São Francisco, os visitantes podem conhecer a igreja e o convento de mesmo nome, administrado pelas irmãs Carmelitas, e o museu de Arte Sacra, que reúne um dos acervos mais completos

do país. Vale a pena visitar o prédio da Santa Casa de Misericórdia, que passou a funcionar como orfanato em 1911 e em 2001 foi transformado no Lar da Ordem Imaculada Conceição.

Ali bem perto está a igreja matriz, Nossa Senhora da Vitória, padroeira da cidade, que foi construída no século XVII, entre os anos de 1608 e 1616, e a igreja de Nosso Senhor dos Passos, também do mesmo século, que tem em seu anexo o museu dos Ex-votos.

No prédio ao lado, fica a Igreja da Ordem Primeira do Carmo, em reforma, e o convento do Carmo, onde irmã Dulce, beatificada em 23 de maio de 2011, passou alguns meses no ano de 1933. No pequeno quarto onde a freira passou seus dias é possível encontrar réplica de objetos pessoais e documentos sobre a sua passagem por São Cristóvão. O local é aberto à visita de terça a domingo, das 10h às 16h. Atualmente, o convento é administrado pelos freis carmelitas.

Quem decidir fazer o passeio a esses locais sem um guia de turismo pode contar com a presença de monitores devidamente orientados a revelar a história e os encantos da cidade. Em poucas horas é possível visitar todos os locais históricos e sair conhecendo um pouco de São Cristóvão e do Brasil. Vale lembrar que fotografias e filmagens das igrejas só são permitidas sem o recurso do flash, já nos museus, fotos são proibidas.

O Museu Histórico de Sergipe e o Museu de Arte Sacra cobram R\$ 5 por visitante. Militares, professores, idosos com idade acima de 60 anos e crianças menores de 12 estão isentos

do pagamento da taxa. O horário de funcionamento dos museus é das 10h às 16h, de terça a domingo. No museu de Ex-votos a entrada é gratuita.

## CULINÁRIA

Visitar São Cristóvão e não provar uma queijada é apontado como falta grave entre os moradores da cidade. Tudo isso porque, segundo eles, não se trata apenas de um doce de coco, mas de uma tradição secular.

O doce, que era preparado pelos escravos, mistura coco, farinha do reino, açúcar, margarina e ovos, e um toque todo especial das mãos de quem aprendeu, desde cedo, a valorizar os sabores de sua terra. Marieta Santos, 68, que faz as queijadas mais famosas da cidade, fala dessa tradicional receita, mas sem revelar como misturar os ingredientes.

Além da queijada, a família de Marieta também fabrica cocadas e os licores de Tamarindo e Jenipapo, vendidos ao preço de R\$ 10 e igualmente famosos pelo sabor.

O biscoito com sabor leve de laranja é uma tradição na cidade por ser feito pelas mãos das freiras da ordem da Imaculada Conceição. A sugestão é experimentar a delícia acompanhada de café. O lanche pode ser feito no prédio da antiga Santa Casa de Misericórdia, na praça São Francisco, das 7h às 17h, de segunda a domingo. Um pacote de Bricellet, com cinco unidades, sai ao preço de R\$ 2, e o cafezinho a R\$ 1. No local o turista pode conhecer a construção do ano de 1610 e ouvir de quem serve os lanches histórias sobre a construção. ■

## LITERATURA

AGLAÉ FONTES, nascida em Lagarto professora de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe-aposentada. Pesquisadora da cultura sergipana. Escritora com várias obras publicadas. Prêmio Nacional de Teatro pelo Inacen-Minc. Membro da Academia Sergipana de Letras e da Academia Lagartense de Letras. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Sou tecelã da palavra e com ela pretendo puxar os fios da imaginação para conversar sobre a cultura Sergipana.



# DO PAGANISMO AO VÉU CRISTÃO: A FESTA

---

“A festa popular é uma mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, de cantar, dançar, desfilar, ver, torcer, cantar, enfim, de “festar”. *Carlos Brandão, 1989*”

---

**N**a antiguidade os povos politeístas comemoravam em junho o chamado solstício de verão e as celebrações eram feitas para agradecer aos deuses a fartura da terra. Plantar e colher mantinham uma relação muito forte entre o homem e a terra, dela provendo a sua subsistência. Por isso o solstício, ou a inclinação que o sol passa a ter, provoca grandes diferenças na natureza, determinando louvores e agradecimentos.

Sendo politeístas, o agradecer se transformava em celebrações onde os rituais envolviam cantos, danças, oferendas, bebidas e sacrifícios tanto humanos como de animais. Não era, pois, de admirar, que as açõeslouvatórias fossem as mais

variadas, chegando ao sacrifício de virgens em fogueiras ardentes. Orgias e sacrifícios se integravam nas celebrações dos solstícios.

Nos diz sabiamente M. Bakhtin: “*A festa é a categoria primária e indestrutível da civilização humana*”.

Assim, o festejar, estava presente na renovação dos ciclos, nas festas das colheitas, nas comemorações da vitória sobre os inimigos, nas guerras. Na cultura de cada povo, há uma matriz caminhante que influenciava o comportamento humano nas regiões mais distantes. Assim, quando veio o cristianismo, a festa com seus valores profanos incomodava a igreja e a seus seguidores. Havia uma necessidade de criar algo que substituisse o ritual pagão do solstício de

verão, dando um novo sentido às festas, adequando à filosofia cristã.

Era necessário buscar elementos modificadores do comportamento pagão, porém no mesmo período. Assim, pesquisando figuras de santos, a igreja encontrou alguns nascidos em junho, outros martirizados em nome da fé ou tendo realizado milagres e sobre eles colocou um véu cristão para afastar o ritual pagão do período.

Figuras importantes foram então encontradas como São José, a quem se atribuiu o poder de dar início à plantação com o prenúncio das chuvas em 19 de março. E Santo Antônio, o grande conhecedor da teologia que, se fazendo franciscano, passou a defender os mais necessitados,



São José

morrendo em 13 de junho. Vieram os outros para completar o quadro. São João, filho do sacerdote Zacarias e sua mulher Izabel, ambos velhos, mas por milagre de Deus tiveram um filho com a missão de preparar a vinda de Cristo, tendo nascido a 24 de junho. Depois ainda, o véu cristão caiu sobre as figuras de Pedro, encarregado de pregar a salvação, e Paulo, que convertido na estrada de Damasco passou a defender o cristianismo, sendo autor das famosas cartas aos Romanos, aos Coríntios, aos Efésios, aos Filipenses e Tessalonicenses e outros mais na Bíblia Sagrada. Os dois foram condenados à morte e executados em 29 de junho. Pronto. Estava completo o quadro dos santos justificando louvores no ciclo junino.

Quando os portugueses e espanhóis, portadores da fé católica, chegaram ao Brasil, trouxeram no baú da colonização os costumes de festejar em junho os santos escolhidos, sobre os quais se colocara o véu cristão. O costume foi se adequando a cada região e, o que era o solstício de verão, aqui coincidiu com nosso inverno, quando há também fartura vinda da terra, confirmando assim a origem agrária dos festejos juninos.

Assim, o pão de Santo Antônio, as novenas e trezenas, as missas, as procissões louvatórias passaram a fazer parte em junho das celebrações da igreja católica. Mas o homem não ficou satisfeito só em rezar. Seus instintos pediam outras formas de festejar, que não eram recomendados pela igreja, mas integrando o sagrado e

o profano, não faltando as danças, a música, os fogos louvatórios, a comida e os licores da região.

No baú da colonização também chegaram algumas heranças dos cultos pagãos, como as crendices e superstições, as simpatias, os banhos de limpeza, os mastros votivos, a festa. O sagrado e profano se integraram.

Como consequência, os santos foram ficando tão íntimos do povo que até ganharam versos populares e irreverentes, embora a igreja não aceitasse. Nesta vertente, Santo Antônio ficou sendo visto também como casamenteiro, sendo o peditério atendido ou não, para agonia das moças casadouras. No Nordeste o costume se ampliou com a possibilidade do santo ser colocado de cabeça para baixo em um pote com água até atender as súplicas casamenteiras.

“Meu Santo Antônio, querido  
Meu Santo, de carne e osso  
Se tu não me dás marido  
Eu que não te tiro do poço”

Com igual intenção casamenteira surgiram as simpatias, com sua forte crendice popular, que teria o poder de levar um ato desejado a se tornar realidade. Para uns são crenças absurdas, sem nenhuma credibi-



Santo Antônio

lidade. Já para outros representa a fé em algo que pode realmente acontecer, mas se bem não fizer, mal é que não vai fazer. E então...

- Na noite de S. João colocar um cravo num copo com água, às 6h da noite. Se no outro dia estiver viçoso, é sinal de casamento, mas se estiver murcho...
- Numa bacia com água colocar vários papéis com nomes na noite de S. João. No outro dia o que estiver aberto traz o nome da pessoa com quem vai se casar.
- Prender uma fita no travesseiro e rezar. No outro dia, se aparecer solta é porque vai casar... mas se estiver amarrada... adeus casamento.
- Banho no rio na noite de S. João para limpar os pecados.



São João

O Nordeste se fez um campo fértil para as festividades juninas, onde a música, a dança, os mastros votivos e as superstições trazem de volta as tradições e os costumes, sem faltar todas as celebrações sagradas.

Dentre as danças, o coco, a rancheira e as quadrilhas fazem o encanto da festa, sem falar no cancionero, que traz desde as canções ingênuas como “Capelinha de melão”, como as românticas e até as de sentido duplo, o que são de um mau gosto terrível.

Mas aí já é assunto para outra conversa. ■

ANTÔNIO FJ SARACURA (ANTÔNIO FRANCISCO DE JESUS) publicou: "Os Tabaréus do Sítio Saracura" (romance), "Meninos que não Queriam ser Padres", (romance), "Minha Querida Aracaju Aflita" (crônicas), "Tambores da Terra Vermelha" (contos), "Os ferreiros" (contos) e "Os Curadores de Cobra e de Gente" (poesia cordel).

afjsaracura@gmail.com



# AS TIRADEIRAS DE JUNCO

(...)

Até as tiradeiras de junco na lagoa Saracura, mulheres pobres que moravam em pequenos casebres na periferia de Itabaiana, olhavam os moradores dos sítios com desprezo. Elas entravam nas nossas terras, emporcalhavam a beira do tanque com suas mochilas de comida. Não foram poucas as vezes em que, no intuito de acender um pequeno fogo para esquentar o feijão apodrecido, queimaram o pasto todo.

— Corre, Tonho, aquela fumaça é fogo na certa. As tiradeiras de junco estão queimando tudo! — gritava papai olhando o horizonte escurecido também pelo final da tarde.

— A essa hora já devem ter ido embora! Deixaram o fogo aceso; e o vento espalhou ... — considerava, já a caminho da fumaça.

Corríamos, cada um com um galho de mato verde, batendo as labaredas, abafando-as. Papai fazia aceiro, tentava impedir que o fogo entrasse nas capineiras ou mesmo na malhada. Muitas vezes, queimava o junco seco da lagoa. Esse ninguém podia apagar. Num instante, virava cinza. Papai lamentava as estacas de jurema da cerca dobrada, que dividia suas terras das de Fausto de Seulia, único inimigo declarado no povoado.

— Diacho! Não vai ficar uma! O arame cozinhado não aguenta nem mais um ano. E era novo. Que prejuízo da serpente! Aquele murrinha (referia-se ao vizinho inimigo) pode até pensar que fui eu quem queimou!

No dia seguinte, quando as tiradeiras chegavam ao sítio para tirar mais junco e viam a lagoa toda queimada, ficavam furiosas!

— Tabaréus miseráveis! Tocaram fogo em nosso ganha-pão.

— Vocês deixaram fogo aceso ontem à tarde, bando de covias! — defendia-se papai indignado, retribuindo a ofensa, pois elas iam até nossa porta tomar satisfação.

— Nós não, senhor! Vou dar parte em Itabaiana, pois o senhor cometeu um crime.



PRA FICAR SABENDO!

Juncus é um gênero botânico de plantas floríferas conhecidas como juncos, pertencente à família das Juncaceae. É um grupo de plantas semelhantes às gramíneas que crescem, em geral, nos alagadiços. O junco verdadeiro constitui uma única família. WIKIPÉDIA

Essas mulheres eram abusadas demais.

Chegaram dois policiais ao sítio fazendo perguntas. As junqueiras tinham ido reclamar ao prefeito que os tabaréus queimaram o junto e as expulsaram das lagoas.

— Mas foram elas que deixaram o fogo aceso. Se a gente não apagasse com ramos, queimaria o capim do gado e toda a lavoura. E ainda vão dar parte!? Já se viu uma coisa dessas?

— Olhe, seu Zé, não precisa ficar irritado, nem adianta a litação pra cima da gente. O senhor sabe que somos a autoridade. Podemos prendê-lo por desacato. O junco foi Deus que botou na terra. Todos têm direito! — falava um soldado com ar autoritário.

— Eu só estava explicando o que aconteceu. Pode perguntar aos vizinhos que ajudaram a apagar o fogo! — defendia-se papai.

— De qualquer jeito, o senhor fica intimado a comparecer sábado à delegacia. Foi aberto o boletim de ocorrência, que precisa da sua assinatura. Mas vá mesmo! Se não for, o delegado manda a gente prendê-lo aqui no sítio; não é segredo pra ninguém que o senhor vota contra o homem.

Papai era obrigado a enfrentar uma maçada do diabo. Só voltava da feira à tardinha muito irritado.

— De hoje em diante, ninguém vai tirar mais junco aqui. Dentro da minha propriedade, eu mando. Não é que o delegado queria que eu pagasse uma semana de salário a cada tiradeira? Elas queimam meu pasto, e eu as indenizo. Praciantes de merda!

(...)

(Excerto do livro Os Tabaréus do Sítio Saracura [29. Os pequenos tabaréus, página 170], 5. Edição no prelo).

OS TABARÉUS DO SÍTIO SARACURA  
280 páginas  
Editora Infographics, 2019 (quinta edição)

Os costumes de um povo aparecem envolvidos num manto de humor. Cenas de muita riqueza são mostradas com simplicidade agreste. O leitor sai de cada página gratificado e ansioso pela seguinte. É um romance de costumes, em que a ficção emoldura os fatos acontecidos, e um livro de memórias, onde é narrada a história de um povo inteiro que habitou, e ainda habita, o Brasil esquecido. Uma saga apaixonante narrada em linguagem leve: Dez meninos rudes (e um povo guerreiro), cercados por lama e valados de macambira, buscam brechas para a dignidade. E encontram, ou não.



# PRA TE LEI RA

A RETÓRICA  
POLÍTICA DO  
KOSMOS SOCIAL  
Marcus Resende



Um livro para pensar para além das ideologias de direita e de esquerda que nos são impostas e que pressupõem toda uma metafísica da verdade e dos senhores da verdade.

Infographics, 2019  
150 páginas

ENTRE PADRES E  
CORONÉIS  
Antonio Santana  
Carregosa



O município de Paripiranga teve seus primeiros passos fortemente ligados à ascensão, apogeu e declínio das oligarquias locais e regionais...

Infographics, 2019  
190 páginas

## BREVE!

FÁBULAS DAS VAQUINHAS COLORIDAS  
Sofia Mendonça

O ABRAÇO DE LAURA  
Almeida Júnior

A MENINA SEREIA  
Ailezz

HISTÓRIAS PARA ENCANTAR  
Ailezz

A SABEDORIA DO MATUTO  
Carlos Mendonça

CAPOEIRA REGIONAL  
Mestre Puma

## COMPORTAMENTO

ANDRÉA PATRÍCIA RABELO SOUSA, graduada em Psicologia e em Comunicação Social, com especialização em Terapia Cognitivo - Comportamental em Neuropsicologia, em Estudos da Paz e Resolução de Conflitos e também em Gestão Empresarial. Formação em andamento Pathwork Brasil, cursando Helper Pathwork Brasil – Caminho do Autodesenvolvimento. É também Mestre em Reiki – Shinpiden e terapeuta comportamental.  
aprabelo@gmail.com



# VOCÊ TEM MEDO DE QUÊ?

HTTPS://C.ANCAONOVA.PT/QUAIS-SAO-OS-SEUS-MEDOS-DIANTE-DELES-O-QUE-FAZER/

cancaonov

**O** medo impede você de agir em alguma situação? Quantos de nós sentimos medo? Medo de bicho, medo de cair, medo de envelhecer, medo do novo, medo de ficar só, medo da vida, medo da morte, medo de falar em público. O medo é

uma emoção que faz parte da trajetória humana, é, portanto, natural, mas que a depender da sua frequência e da intensidade é que se pode diferenciar o medo saudável do patológico.

O medo é também necessário, pois traz um estado de alerta dian-

te de uma situação de perigo. Desta forma, trata-se de uma resposta do organismo a uma situação aversiva. Sendo o medo uma sensação, é bom percebermos onde ele começa, como se manifesta em nosso corpo e o que ele traz de desconforto.

## CONVERSEMOS COM O MEDO, TRAGAMOS ELE PARA PERTO DE NÓS, DEMOS VOZ PARA QUE ELE POSSA CONFRONTAR A SI MESMO.

Muitas vezes, o medo é a resistência ao desconhecido, à inflexibilidade na sua extensão. O medo nos aprisiona, afasta-nos de nós mesmos e nos impossibilita de ir adiante. E ele ganha uma dimensão tão grande que temos medo da nossa própria sombra. Lembra-nos Osho (2017): *“O medo é tão insubstancial quanto a sua sombra, mas ele existe. A sombra também existe. Insubstancial, negativa, mas existencial”*. São as sombras que revelam a nossa luz. Sendo assim, é preciso reconhecê-las, fazer a travessia na escuridão e perceber que existe luz no final do túnel.

É preciso perceber que, quando o medo nos domina, ele pode trazer consequências patológicas, transformando-se em fobias (específica, social, sob ataques de pânico). E quando isso ocorre é quando o indivíduo simplesmente não dá conta em lidar com o que lhe traz medo. Há um comprometimento substancial na sua relação com o mundo. É preciso pedir ajuda. A manifestação do medo exagerado pode trazer diversas outras consequências, com reações físicas, emocionais e cognitivas intensas manifestadas em ansiedade, pânico, palpitação, insônia, excessiva preocupação, pensamentos negativos, irritabilidade, dentre outros sintomas.

O autoconhecimento é um caminho interessante para refletir as origens do medo. Temos medo daquilo que não vemos. Identificamos com as emoções e devemos ter consciência de que estas fazem par-

te da nossa vida. Porém não somos o que demonstramos apenas por essas emoções. Elas fazem parte de todo o contexto das nossas vivências. Contexto este que nos trazem aprendizados e resiliência. São as emoções e suas reações que nos fazem refletir e olhar o campo de nossas defesas.

Então pergunte-se a si mesmo: qual a maneira que me defendo no mundo? Quando o medo é maior do que eu? O que faço com os meus medos? A impermanência me dá medo? Qual a projeção que faço dos meus medos? No mundo, onde as relações são líquidas, onde há dificuldades nos aprofundamentos dos sentimentos, o Ter é maior do que o Ser, a violência cresce de maneira alarmante, ficamos reféns das vibrações medrosas. O medo toma uma proporção privilegiada na sociedade.

Em vez de vivermos na defensiva, precisaríamos, na verdade, entender-nos melhor. Entender os motivos da não aceitação de nós mesmos, a culpa pelos impulsos instintivos impensados, pelo imediatismo das coisas serem do nosso jeito, da imposição de que tudo tem de ser perfeito. Por isso, o medo vem da nossa própria intolerância. O melhor é que estejamos em paz com o nosso medo. É ele que nos trará preciosas transformações. Em tempos de medo, o melhor remédio é o amor.

Conversemos com o medo, tragamos ele para perto de nós, demos voz para que ele possa confrontar a si mesmo. É verdade que não podemos dar o passo? Mesmo com

PIXABAY



medo, nós podemos dar o passo, reconhecê-lo, aceitá-lo e seguir adiante. Que o medo não nos ocupe, nem nos preocupe, não nos apavore, nem nos ignore, não nos limite, nem nos aprisione, nem nos deixe inseguros. Que possamos dar passagem ao medo, aceitá-lo, olhar as suas manifestações e trazer mais consciência nas nossas ações. Vivamos o presente sem antecipar o futuro e sem remoer o passado. O medo é passageiro. ■

---

#### Referência

OSHO. Medo: entenda e aceite as inseguranças da vida. São Paulo: Editora Cultrix, 2017

---

## COMPORTAMENTO INFANTIL

BÁRBARA ARAÚJO, Psicóloga CRP 19/2301 - Especialista em Neuropsicologia, Instituto Brasileiro de Neuropsicologia (IBNEURO). Trabalha com atendimentos de psicoterapia, avaliação psicológica e neuropsicológica.  
barbara.araujo1@hotmail.com | Contato: (79)99952-7399



# REGULAÇÃO EMOCIONAL: A BASE PARA SAÚDE MENTAL E APRENDIZADO HUMANO

A educação socioemocional é uma forma de educação integral que aborda a criança não apenas no seu aspecto cognitivo, mas sobretudo no emocional

**A**s emoções possuem papel relevante na vida dos seres humanos, tornando situações agradáveis ou desconfortáveis, mas que provocam uma comunicação das

necessidades que podem impactar efeitos em sua vida cotidiana, por isso, desenvolver habilidades socioemocionais na infância é uma forma de promover resiliência, diminuindo

a probabilidade de transtornos mentais na adolescência e na vida adulta.

A educação socioemocional pode ser considerada um movimento recente no mundo; criado a partir



do rumo que as escolas naturalmente tomaram quando começou a massificação no início do século XIX, principalmente na Alemanha e França. No mesmo século XIX, os Estados Unidos começaram um processo de expansão da educação das crianças através do modelo de escolas muito parecidos com o que temos hoje, e no mesmo período de tempo, 2001, o mesmo movimento ocorreu no Brasil (CAMINHA, 2017).

O modelo de sociedade foi ancorado no mundo do consumo, em que passamos a ensinar a crianças que “felicidade e sucesso” estão diretamente relacionadas à capacidade de consumir. Ter é poder! Ter a capacidade de ter é poder! E como alcançamos ter a capacidade de ter? Através da escola que prepara os alunos como se fossem atletas para performances cognitivas impressionantes calcadas nas ideias de que os mais bem preparados ocupam os melhores postos e, por consequência, são melhores remunerados e, por fim, tem a chave de acesso ao portal do consumo quem em suma é poder e felicidade!

A educação socioemocional é uma forma de educação integral que aborda a criança não apenas no seu aspecto cognitivo, mas sobretudo no emocional, partindo do princípio explanado com bastante ênfase pela ciência nos últimos tempos de que a regulação emocional é a base da saúde mental e do aprendizado humano. Nessa lógica, as emoções deveriam ser intermediadas nas escolas da mesma maneira que ensinamos línguas, matemática e geografia (Caminha, 2017). O foco está em desenvolver as habilidades sociais, emocionais, a regulação dos processos fisiológicos e a integração entre todas estas partes com o processo cognitivo. Enquanto que nas escolas o foco incide apenas no cognitivo, como se o emocional fosse uma entidade aleatória.

Corriqueiramente percebemos uma invalidação emocional no cenário de nossa sociedade, seja em casa, na rua, situações sociais e escolares:

A alegria é vista como manifestação de pessoas tolas, que

ficam se expressando ou rindo à toa; vista como inadequação, dispersão. A tristeza não costuma ser uma emoção bem acolhida quando compartilhada socialmente, um ato de fraqueza. Sofrer por amor, ato de fraqueza, dependência. A raiva logo é associada à maldade, descontrole, falta de cuidado. O medo, há uma exigência de que temos que desenvolver coragem para todas as ocasiões, que temos que enfrentar tudo. Sentir nojo é atribuído socialmente a pessoas fracas ou esnobes.

A supressão emocional resulta em diminuição da capacidade de comunicação. Contudo, a educação socioemocional tem se mostrado uma ferramenta de transformação espacial, desenvolvendo nos seres humanos atributos empáticos, altruístas, colaborativos e de compaixão. Atributos estes altamente fomentadores de uma sociedade saudável, humana e que visa desenvolver respeito, solidariedade e tolerância entre grupos e suas configurações sociais. ■

RODRIGO ROCHA, doutorando em Ciência da Propriedade Intelectual, Graduado e Mestre em Economia pela UFS. É Superintendente do IEL/SE, Coordena o Núcleo de Informações Econômicas e Supervisiona o Centro Internacional de Negócios da FIES. Leciona em cursos tecnológicos, graduação e MBA. Faz palestras em Desenvolvimento Econômico, Gestão de Empreendimentos, Gestão da Inovação e Gestão de Carreiras. rochaplma@gmail.com



# NOVO GÁS PARA A ECONOMIA SERGIPANA

As novas possibilidades que se abrem a partir desta descoberta movimentam além da indústria, os setores de comércio e serviço

**A** pesar do cenário econômico brasileiro ainda estar seguindo um caminho turbulento, com expectativas de crescimento lento e necessitando com urgência de reformas estruturantes (previdenciária, tributária etc.), surge no estado de Sergipe, que ainda está passando por um momento similar ao nacional, uma nova esperança para acelerar a retomada do crescimento econômico estadual.

Ao longo dos últimos anos, por fatores diversos publicamente conhecidos, a Petrobrás estava suspendendo uma série de investimentos e impactando fortemente a economia sergipana de forma negativa, devido à grande relevância de tal segmento no estado.

Mas de acordo com diversas fontes a Petrobrás fez em Sergipe a sua maior descoberta de gás desde o pré-sal (em 2006), esperando extrair uma quantidade equivalente a mais 30% do total produzido atualmente no país, podendo gerar uma receita de mais R\$ 7 bilhões anuais.

Essa notícia tão alvissareira, não apenas para Sergipe, mas também para o nordeste e para o país como um todo, gera boas perspectivas para além do segmento específi-



DIVULGAÇÃO

co de produção de gás, mas também para todas as cadeias produtivas ligadas direta ou indiretamente.

As novas possibilidades que se abrem a partir desta descoberta movimentam além da indústria, os setores de comércio e serviço, fortalecendo, por exemplo, o turismo de negócios, tão importante para hotéis, bares e restaurantes, dentre tantos outros negócios beneficiados por este investimento.

Com a possível retomada de investimentos da empresa no estado, as perspectivas da economia sergipana ganham literalmente um novo gás,

com a possibilidade de investimentos significativos ainda este ano para viabilizar as operações.

Diante disto, a economia de Sergipe ganha novo fôlego, dissipando um pouco das nuvens escuras que estavam pairando sobre o horizonte do estado e possibilitando a retomada da esperança de dias melhores para a população sergipana, que desejam ver a aceleração do desenvolvimento econômico e social do estado, que, na prática, nada mais é do que a retomada do emprego e da renda, de forma mais pujante, para os lares sergipanos. ■



**SEU  
HIPERMERCADO  
GRÁTIS PELO  
RESTO DA VIDA.**

**QUER SABER COMO?**

**Hipermercado grátis\***  
em 5 meses

*ou*

**Renda de 5 dígitos\***  
no mesmo tempo



(79) 99905-7806 / 99991-0822 / 98151-5363

FERNANDO ANDRADE, Engenheiro Agrônomo e Presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos de Sergipe - AEASE.  
fernandoandra88@yahoo.com.br



DIVULGAÇÃO

# ENERGIA SOLAR, O FUTURO SEM VOLTA

Enquanto os Estados Unidos exploram toda a sua área agricultável, o Brasil ainda dispõe de milhões de hectares de áreas a serem racionalmente exploradas

**A** energia solar é uma energia renovável obtida pela luz do sol, utilizada para o aquecimento de água (energia térmica) ou como fonte de energia elétrica. Assim como a energia eólica é uma das formas limpas de produção de energia que mais cresce no mundo. Apesar de dissemi-

nada pelo mundo, com experiências exitosas, sobretudo na China, Estados Unidos, Japão e Alemanha, exemplos destas iniciativas são a instalação da primeira central solar de grande envergadura (1MWp) na Califórnia, em 1982, e o lançamento dos programas de “telhados solares” na Alemanha

(1990) e no Japão (1993). Decorridos 36 anos, a tecnologia de energia solar no Brasil, por incrível que pareça, ainda é uma grande novidade.

Atualmente a energia solar segue em franco crescimento nos quatro cantos do mundo. Para se ter uma ideia, somente em 2016 foram adicio-

nados 75 GW em geração solar fotovoltaica, sendo 35 GW injetados apenas pela China. No Brasil, o surgimento da geração solar fotovoltaica se dá a partir de 2012, com a edição pela Anel das Resoluções Normativas nº 482/2012 e 502/2012, que permite a conexão de micro e minigeração na rede elétrica e regulamentou os sistemas de medição de energia elétrica de unidades consumidoras do Grupo B, respectivamente, criando um mercado para o desenvolvimento da energia solar fotovoltaica no país. Após estas medidas, apesar do crescimento ainda ser tímido, bem aquém do potencial mercado nacional, percebe-se o início de uma fase que se seguirá com o crescimento vertiginoso do setor, que alguns admitem chamar de o Boom Solar.

Ressalte-se que o crescimento da energia solar fotovoltaica é impulsionado por três fatores principais: a forte redução de mais de 75% no custo de geração da energia solar fotovoltaica ao longo da última década; o forte aumento nas tarifas de energia elétrica convencional dos consumidores brasileiros, que saltaram em média 499% desde 2012, segundo dados do Ministério de Minas e Energia, e o aumento no protagonismo e na consciência e responsabilidade socioambiental dos consumidores, cada vez mais dispostos a economizar dinheiro ajudando, simultaneamente, a preservação do meio ambiente.

No Brasil, ainda assim, a energia solar, também chamada de fotovoltaica ou fotoelétrica, representa apenas 0,02% da produção, com estimativas de atingir 4% até 2024, segundo dados do Ministério de Minas e Energia. No plano mundial, apenas 1% da energia gerada provém das fontes de energias solares. Existem muitos parques solares (CSP) no mundo, vários deles na Espanha. Em 2014, foi inaugurada na Califórnia, EUA, a Ivanpah Solar Electric Generating

System, a maior usina até o momento, que é quase 4 vezes maior do que a Shams Power Company, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, inaugurada em 2013. Enquanto a usina árabe produz cerca de 100 Megawatts, a americana abriga 300 mil espelhos para coletar a luz do sol, podendo produzir cerca de 392 megawatts de energia, fornecendo energia para 140 mil casas. Juntas, estas usinas ajudam a reduzir quase 600 mil toneladas por ano de emissões de CO<sub>2</sub>.

Conforme dados da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), o Brasil atingiu recentemente (Anel/Absolar, 2018 – última atualização 10/05/18) a marca histórica de 250 megawatts (MW) de potência instalada em sistemas de microgeração e minigeração solar fotovoltaica, distribuídas em residências, comércios, indústrias, edifícios públicos e na zona rural. Em números de sistemas instalados, os consumidores residenciais estão no topo da lista da microgeração distribuída, representando 77,4% do total. Em seguida, aparecem as empresas dos setores de Comércio e Serviços (16%), consumidores rurais (3,2%), indústrias (2,4%), poder público (0,8%) e outros tipos, como serviços públicos (0,2%).

Segundo a Absolar, em potência, os consumidores dos setores de comércio e serviços lideram o uso da energia solar fotovoltaica, com 42,8% da potência instalada no país, seguidos de perto por consumidores residenciais (39,1%), indústrias (8,1%), consumidores rurais (5,6%), poder público (3,7%) e outros tipos, como serviços públicos (0,7%). Ainda de acordo com a Absolar, o Brasil possui hoje 27.803 sistemas solares fotovoltaicos conectados à rede, trazendo economia e sustentabilidade ambiental a 32.924 unidades consumidoras, somando mais de R\$ 1,9 bilhões em investimentos acumulados desde

2012, distribuídos ao redor de todas as regiões do país.

No Brasil, disparadamente a região Nordeste apresenta os maiores valores de irradiação solar (de 5 kWh/m<sup>2</sup> a 6 kWh/m<sup>2</sup>), apresentando a maior média e a menor variabilidade anual entre as regiões geográficas. Os valores máximos de irradiação são observados na região centro-oeste do Estado da Bahia e noroeste de Minas Gerais. Nota-se nesta região que as condições climáticas conferem um regime estável, de baixa nebulosidade e alta incidência de irradiação solar.

Ações governamentais, como a publicação no ano de 2012 das resoluções já citadas, aos poucos vêm criando mecanismos para a expansão do uso da energia solar no Brasil. No entanto, é necessário avançar em diversos aspectos, entre eles o regulatório. Leis e ações municipais, estaduais ou federais devem ser mais efetivas. Hoje o Brasil ainda carece de incentivos governamentais efetivos que sejam capazes de impulsionar empresas e consumidores no sentido de utilizar, em ampla escala, sistemas de geração de energia ou aquecimento de água solar. Um bom exemplo vem da cidade de Barcelona (Espanha), que depois de tornar obrigatória, em agosto de 2000, a instalação de coletores termossolares em novas edificações ou reformas, viu a instalação destes sistemas saltar de 1,1 m<sup>2</sup>/1000 habitantes para 13 m<sup>2</sup>/1000 habitantes em pouco mais de três anos.

Definitivamente, Energia Solar, o futuro sem volta. Quem viver verá. ■

---

Fonte Consulta:

- Artigo Jornal Correio 24 horas - Energia Solar Fotovoltaica atinge marca histórica no Brasil;

- Energia Solar no Brasil - Site Bluesol;

- Energia Solar no Brasil e no Mundo - Publicação MME - Ministério das Minas e Energia - Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Energético

---

ANTÔNIO NOVAIS FILHO, é Advogado e membro titular do escritório, LLM em Direito Tributário (FGV) e pós-graduando em Direito Processual Civil pela Escola Judicial do Estado de Sergipe (EJUSE). Graduou-se em Direito pela Universidade Tiradentes, na cidade de Aracaju/SE. Lá, adquiriu vasta experiência em suas passagens pela Secretaria de Segurança Pública e pelo Tribunal de Justiça daquele Estado, junto ao Dr. Gilson Felix dos Santos (em substituição a Des. Marilza Maynard Salgado de Carvalho). Atualmente, atua em todo o território nacional.

www.antonionovaisfilho.com | contato@antonionovaisfilho.com | Tel: (79) 99158-8970



# OS CONTRATOS DE FINANCIAMENTO DE VEÍCULO E A POSSÍVEL REVISÃO DE VALORES

Para socorrer os aflitos devedores existe a Exceção de Pré-executividade que, melhor que os embargos, não necessitam de garantia do juízo

**C**oisa muito comum hoje em dia é o indivíduo que busca adquirir um veículo automotor, mas não dispõe de todo o capital necessário para adquirir o referido bem. Em razão disso, opta por firmar com alguma instituição financeira um contrato de financiamento de veículo.

Neste momento, dois antagônicos sentimentos se materializam (quase sempre): O primeiro é a EUFORIA, através da – falsa – sensação de ter finalmente conseguido comprar um carro ou uma moto (por exemplo). No entanto, o segundo e imediato sentimento – que de tão amargo quase anula o primeiro – é a ANGÚSTIA, ao saber que na verdade não adquiriu bem algum, mas tão somente uma dívida, cujas cláusulas contratuais sequer foram lidas ou, de fato, compreendidas.

De pronto, é devido esclarecer que a relação jurídica firmada entre o cliente e a instituição fi-

nanceira é tipicamente de consumo, não surgindo qualquer margem para dúvidas, principalmente com o advento da súmula nº 297 do Superior Tribunal de Justiça, que afirma que o Código de Defesa do Consumidor (CDC) é aplicável às instituições financeiras.

Mas aí você pode se perguntar: *“E qual é a diferença de aplicar ou não o Código de Defesa do Consumidor em uma situação como essa, uma vez que a pessoa já assinou o contrato de financiamento?!”*

Ora, a diferença é abissal. Se não incidisse o CDC aos contratos bancários e o consumidor assinasse – do mesmo jeito que assina atualmente, sem entender nada do contrato, convenhamos –, TUDO que constasse no referido instrumento deveria ser cumprido. Não haveria a possibilidade (via de regra) de questionar nenhuma das cláusulas contratuais.

No entanto, com a aplicabilidade da legislação consumerista, ainda que o consumidor tenha assinado o contrato, é perfeitamente possível a modificação e anulação de cláusulas, pois o CDC considera que o consumidor é a parte mais frágil da relação, então, não entende praticamente nada do que está assinando e a repercussão jurídica/econômica que tal pacto lhe acarretará.

Eis que surge, por exemplo, a Ação Revisional de Financiamento de Veículo. Mecanismo muito comum que serve para rever cláusulas contratuais de financiamentos de veículo, ocasionando em boa parte das vezes a REDUÇÃO de valores das parcelas mensais, que podem cair – a depender do caso – até para menos da metade.

Assim, o Código de Defesa do Consumidor é de suma importância para a população, posto que, caso o consumidor tenha assinado um con-



trato bancário e depois perceba que fez um mau negócio ou que está sendo efetivamente explorado, poderá buscar o Poder Judiciário através de um advogado e exigir a revisão do contrato.

Apenas a título de exemplo, vejamos o que diz o artigo 51 do CDC:

Art.51 - São nulas de pleno direito, entre outras, as cláusulas contratuais relativas ao fornecimento de produtos e serviços que:

(...)

IV - estabeleçam obrigações consideradas iníquas, abusivas, que coloquem o consumidor em desvantagem exagerada, ou sejam incompatíveis com a boa-fé ou a equidade.

§1º Presume-se exagerada, entre outros casos, a vantagem que:

(...).

II - restringe direitos ou obrigações fundamentais inerentes à natureza do contrato, de tal modo a ameaçar seu objeto ou equilíbrio contratual.

Resumindo, via de regra, os contratos existem para serem cumpridos, é o que se chama jurídica-

mente de “pacta sunt servanda”, que significa “os pactos assumidos devem ser respeitados”. No entanto, a legislação consumerista se apresenta justamente para relativizar, para afastar o “pacta sunt servanda” e amenizar a discrepância entre consumidor e instituições financeiras.

Além disso, conforme preleciona o artigo 6º, VIII, do mesmo diploma legal, é direito básico do consumidor a facilitação da defesa de seus direitos, inclusive com a INVERSÃO DO ÔNUS DA PROVA. Bastando para tanto a presença da verossimilhança das alegações e a hipossuficiência do consumidor.

Explico: Na esmagadora maioria das vezes o consumidor não tem como provar o que alega, porque, diferentemente dos bancos, ele não grava as ligações, não possui um setor Jurídico e Financeiro para lhe auxiliar, não possui imagens de câmeras, inúmeros funcionários, não tem o mesmo poder econômico etc. Assim, exatamente por esta situação de vulnerabilidade no mercado de consumo, é que

a lei assegura que os fatos alegados pelo consumidor são presumidamente verdadeiros. O cliente não precisa necessariamente provar o que está afirmando, É O BANCO QUE TEM QUE PROVAR O CONTRÁRIO!

Todavia, se o consumidor conseguir provar o que está alegando, é melhor ainda.

Por isso, sempre que você estiver prestes a assinar um contrato bancário – ainda que não seja o de um financiamento de veículo –, é interessante que você esteja acompanhado de um profissional para que ele possa analisar tal documento antes de você decidir concordar com tudo que está escrito em tal documento.

No entanto, caso você tenha ignorado este dever de cautela, saiba que todas as cláusulas contratuais poderão sofrer revisão, bastando tão somente que você busque um profissional da sua confiança e, amparado no Código de Defesa do Consumidor, exija a relativização do mesmo. ■



## ARTIGO CIENTÍFICO

SUANE SOUZA CARVALHO, advogada, especialista em Direito do Trabalho e Previdenciário (PUC-MG), Conciliadora do Tribunal de Justiça da Bahia. suanecarvalho1@hotmail.com

# DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E RAÇA RELACIONADA AO TRABALHO DOMÉSTICO

O emprego doméstico possui um papel de destaque no mercado de trabalho para as mulheres brasileiras, sobretudo para as negras. Deste modo, constitui um dos maiores setores de trabalhadoras do país e a questão de raça é um fator preponderante nessa atividade profissional.

A divisão sexual do trabalho está presente na formação da sociedade. A justificativa para esta divisão, em que às mulheres cabem as tarefas do lar e cuidado da família, na maioria das vezes está estruturada no discurso naturalizado do determinismo biológico, que coloca as mulheres como responsáveis pela reprodução biológica e naturaliza as práticas de opressão contra as mesmas.

Ressalta-se que os maiores percentuais de vulnerabilidade da mulher negra no universo dos trabalhadores ocupados se explicam, sobretudo, pela intensidade de sua presença no emprego doméstico. Esta atividade, tipicamente feminina, é desvalorizada aos olhos de grande par-

te da sociedade, caracterizando-se pelos baixos salários e elevadas jornadas, além de altos índices de contratação à margem da legalidade.

A publicação do Relatório Anual Socioeconômico da Mulher – RASEAM (2014) demonstrou que houve uma redução da proporção de mulheres empregadas no trabalho doméstico, pois, somente entre 2011 e 2012, a proporção de mulheres ocupadas no trabalho doméstico passou de 15,5% para 14,7%. Todavia, apesar dos dados indicarem uma redução neste tipo de trabalho, esta atividade continua sendo exercida por uma maioria feminina e negra.

Contudo, juridicamente, avançamos no tratamento ao empregado doméstico, inicialmente com a Emenda Constitucional nº 72/2013, ao ampliar o rol dos direitos dos trabalhadores domésticos, após, em 02 de junho de 2015, foi promulgada a Lei Complementar nº 150/2015, que passou a regulamentar o trabalho doméstico a partir dos novos direitos assegurados pela EC nº 72/2013. Esta lei avançou para além daquele objetivo meramente regulamentador da EC nº 72, instituindo, juntamente com art. 7º da CF/88 e as leis nº 605/49, 4.090/62, 4.749/65, 7.418/85, e a CLT, um novo microsistema jurídico de regulação e proteção do trabalho doméstico.

Seja do ponto de vista legal, seja do ponto de vista econômico, não há justificativas suficientemente fortes para a manutenção destes trabalhadores em uma condição de discriminação jurídica e social. Cabe agora observar qual tendência se manterá mais forte nos próximos anos, levando em consideração, também, que ainda não foi possível observar os efeitos da regulamentação mais recente, sendo necessário desenvolver estudos visando aprofundar o diagnóstico da situação desta categoria de empregados após as alterações legislativas para subsidiar as políticas de promoção de trabalho decente. ■



FREEPIK/W



REVISTA  
**teor**

Um conjunto de conceitos e ideias

**NOS CONTATE  
PARA ANUNCIAR**

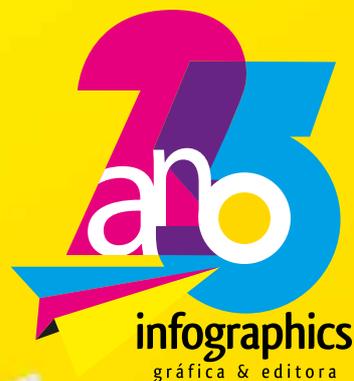
**ESTRATÉGIA**

ALIADA A RESULTADOS  
**(79) 98800-2835 98813-6922**

# Impressos tão reais que vão confundir os seus sentidos.

GRÁFICA RÁPIDA | DIGITAL | OFFSET

Na **Infographics** você encontra serviços de alta qualidade, o melhor atendimento e os melhores prazos de entrega.



Av. Edézio Vieira de Melo, 480  
Bairro São José - Aracaju/SE  
**79 3302-5285 / 99981-5026**  
[www.infographics.com.br](http://www.infographics.com.br)

  @editorainfographics  
 @graficainfographics  
 @infographicsaju



**infographics**  
gráfica & editora